

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CAMPUS IV
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

WELLINGTON LIMA DA SILVA

**PESCADORES ARTESANAIS DO MUNICÍPIO DE RIO TINTO/PB: TRADIÇÃO,
CONHECIMENTO E ORGANIZAÇÕES**

RIO TINTO/PB
NOVEMBRO/2018

WELLINGTON LIMA DA SILVA

**PESCADORES ARTESANAIS DO MUNICÍPIO DE RIO TINTO/PB:
TRADIÇÃO, CONHECIMENTO E ORGANIZAÇÕES**

Monografia apresentada ao Curso
de Antropologia da Universidade
Federal da Paraíba – UFPB,
Campus IV. Orientador (a): Prof.^a
Dra. Ruth Henrique da Silva.

**RIO TINTO/PB
NOVEMBRO/2018**

EPIGRAFE

‘A proteção ambiental é fundamental para a vida do rio.
A proteção ambiental deveria ser uma lei universal ou
uma obrigação humana’ **Carlinhos pescador, 2015**

DEDICATÓRIA

A toda minha família, e principalmente ao meu saudoso pai, *in memoriam*, momentos em que viver não tinha mais sentido, porém estou aqui: consegui pai! Gostaria muito de um abraço seu agora, muito agradecido por ser seu filho, obrigado pai...somos campeões.

“Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro. Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”

Música: Sujeito de sorte, Belchior

**PESCADORES ARTESANAIS DO MUNICÍPIO DE RIO TINTO/PB: TRADIÇÃO,
CONHECIMENTO E ORGANIZAÇÕES**

Monografia apresentada ao
Curso de Antropologia da
Universidade Federal da
Paraíba – UFPB, Campus IV.
Orientador (a): Prof.^a Dra.
Ruth Henrique da Silva

Aprovado em _12_ / 11__ / 2018__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ruth Henrique da Silva

Prof. Dra. Alessa Cristina Pereira De Souza

Prof. Dr. Estevão Martins Palitot

AGRADECIMENTOS

É com extrema gratidão que venho aqui agradecer aos meus pais Severino Lima da Silva, *in memoriam*, Elinalda Lima da Silva por toda sua garra para com a criação dos seus filhos. Me tornei um indivíduo que não tenho receio de falar o que penso ou de desistir dos objetivos de vida, sem que precise se utilizar de atitudes covardes ou mesquinhas, obrigado de coração. Dá para viver com o que se consegue de forma justa.

Agradeço profundamente à minha esposa, Alaíne Leiros, por todo seu amor, apoio e paciência. Aos meus filhos Alonso Wellington e Albert Állan pelas suas existências, são fontes de vida que tive a honra de ser presenteado. Aos meus irmãos Thiago Henrique e Tatiane Lima pelo apoio e por participarem de toda minha construção de vida, minha sogra Socorro Leiros pelo incentivo em palavras e atitudes, ao meu sogro Willians Leiros pela força e presença.

Aos meus amigos de curso que se tornaram para toda uma vida, Jomar de Araujo, José Muniz e Caio Nobre; ao então prefeito Fernando Naia pela oportunidade dada em estar como diretor de pesca do Município de Rio Tinto-PB, aos parceiros de trabalho Antonio Macedo, Adriano Ferreira e Luan Potiguara, ao Instituto Chico Mendes (ICMBIO), em especial a Dr. Bióloga Thalma Grissi pelas parcerias e disposição.

Aos meus professores da universidade, em especial a minha orientadora Ruth Henrique, por todo conhecimento repassado com a maior qualidade profissional, disposição e paciência para com esse discente, ao professor Siloé Amorim sendo o primeiro a dar a oportunidade de uma viagem para pesquisa; Alagoas /AL; Serra da barriga, Quilombo dos palmares, ao professor Oswaldo Giovannini pela amizade construída dentro e fora do campus. Aos professores doutores, Estêvão palitot, e Alessa Cristina, por aceitar o convite de fazer parte da banca examinadora e pela sua contribuição positiva em sala de aula durante todo o curso.

Agradecemos todos os interlocutores que contribuíram com este trabalho: Geraldo Farias (Gel da tarrafa) Valdir Pereira (Didi) Luiz Carlos (Carlinhos pescador) Severino Ramos (Ramos da associação) Marinalva Paulo Aureliano (Paulo do porto) Genilson Silva (papudo), Eufrásio da silva, cacique Aníbal Cordeiro aldeia Jaraguá e entre outros que apareceram nesta pesquisa, agradecimento aos moradores de todas as comunidades que estive presente pelo acolhimento e confiança.

Ele não! Viva a democracia

Resumo

O presente estudo retrata pescadores artesanais de Rio Tinto -PB, em distintas localidades do município onde existem organizações com sedes oficiais, a saber: associação comunitária dos pescadores e agricultores indígenas de Jaraguá, associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto e a Colônia de pescadores Antônio de Brito Z13 da Barra do Mamanguape, buscando compreender o papel de cada uma dessas entidades organizacionais para com seus filiados e suas comunidades compreendendo a importância das organizações para suas reivindicação, direitos, deveres e parcerias com ongs, fundações ,poder público e unidades de conservações ambientais, observando toda dinâmica existente que envolvem os pescadores artesanais.

Palavras-chave: Pescadores tradicionais, organizações de pesca, meio ambiente

Abstrat

The present study portrays artisanal fishermen from Rio Tinto -B, in different localities of the municipality where there are organizations with official headquarters, namely: community association of fishermen and indigenous farmers of Jaraguá, association of artisanal fishermen of Rio Tinto and Fishermen's colony Antonio of Brito Z13 from Barra do Mamanguape, seeking to understand the role of each of these organizational entities towards their affiliates and their communities, understanding the importance of the organization. Seeking to understand the tradition of artisanal fishing in these axes where these associations are, the behavioral factor of the fishermen in the social contexts of these communities, where they are inserted the headquarters of which naturally has a greater flow of fishing activity in the region.

Keywords: Traditional fishermen, fisheries organizations, the environment

SUMÁRIO

Introdução	Pág.12
Capítulo 1 – Histórico e conceito de colônia e organização da pesca	Pág.14
1.1 Defesa dos direitos	Pág.16
Capítulo 2- Associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto	Pág.18
2.1 Por onde tudo começou	Pág.18
2.2 Indo ao rio Mamanguape	Pág.20
2.3 Percepção e conhecimento	Pág.24
2.4 Apetrechos ,espécies da pesca artesanal no rio Mamanguape	Pág.25
2.5 Um artesão de grande conhecimento da pesca: Gel da Tarrafa	Pág.31
Capítulo 3- Extrativismo na aldeia Jaraguá	Pág.35
3.1. Com os pescadores mais experiente	Pág.38
3.2 As particularidades e conflitos internos	Pág.39
3.3 A vida no mangue	Pág.41
3.4 início de uma nova tradição	Pág.43
Capítulo 4-. Sindicato dos pescadores do município Interação dos pescadores da barra do rio Mamanguape com meio ambiente e turismo	Pág.45
4.1 . Interação dos pescadores da barra do rio Mamanguape com meio ambiente e turismo.....	Pág.47
4.2 Mudando vidas nas comunidades	Pág.50
Considerações Finais	Pág.53
Referências	Pág.54

Lista de Figuras

Figura 1 **pág.19**

Mapa extensão Marítima

Figura 2 **pág.19**

Mapa extensão do Rio Mamanguape

Figura 3 **pág.20**

Residencia do pescador Didi

Figura 4 **pág.21**

Sede da Associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto

Figura 5 **pág.24**

Pescador Didi mostrando peixes capturados

Figura 6 **pág.26**

Pescador concertando rede para pescaria

Figura 7 **pág.26**

Tarrafa apetrecho da pesca artesanal

Figura 8 **pág.27**

Espinhel apetrecho utilizado não só na pesca artesanal como na industrial

Figura 9 **pág.27**

Puçá apetrecho utilizado na pesca artesanal

Figura 10 **pág.28**

Rede arrasto apetrecho utilizado na pesca artesanal e industrial

Figura 11	pág.28
Rede de pesca apetrecho utilizado na pesca artesanal e industrial	
Figura 12	pág.29
Curral de pesca utilizado na pesca artesanal e industrial	
Figura 13	pág.31
Pescador Gel da tarrafa quintal da casa do Gel da tarrafa	
Figura 14	pág.33
Quintal da casa do Gel da tarrafa	
Figura 15	pág.35
Mapa Aldeia Jaraguá	
Figura 16	pág.36
Sede da associação comunitária dos pescadores agricultores indígenas de Jaraguá quintal da casa do Gel da tarrafa	
Figura 17	pág.39
Sr. Eufrásio e Dona Nininha experientes pescadores	
Figura 18	pág.40
Porto novo Aldeia Jaraguá	
Figura 19	pág.41
Reunião com catadores de caranguejos	
Figura 20	pág.42
Cadastro dos catadores	
Figura 21	pág.43
Evento Religioso	

Figura 22 **pág.45**

Sede da colônia z13

Figura 23e 24 **pág.46**

Projeto saúde do pescador

Figura 25 **pág.47**

Condutores de barcos turístico

Figura 26 **pág.48**

Caiçara na barra do rio Mamanguape

Figura 27 **pág.49**

Marinalva integrante do grupo das marisqueiras da barra

Figura 28 **pág.51**

Raimundo Cardoso turista do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

A escolha do tema do presente trabalho surgiu através do contato com alguns pescadores artesanais na comunidade da rua do Tambor, no município de Rio Tinto/PB, contatos estes, desde dos tempos de criança. sobretudo na residência do pescador Sr. Geraldo Farias conhecido popularmente por ‘Gel da tarrafa’¹. O lugar sempre me chamou atenção, pelo seu aspecto rústico com vários materiais de pesca substituindo móveis, a foto antiga do seu pai na parede sempre no mesmo lugar, sua mãe dona Neves com os mistérios de suas curas, pois a mesma era uma rezadeira muito conhecida no município, o seu quintal com várias plantações e o fluxo constante de vários pescadores.

As histórias dos pescadores que sempre ouvi na casa do *Gel da tarrafa* é um dos elementos que mais me chamou atenção por todos os aspectos, sejam eles sobre a própria pesca artesanal depoimentos de vida ou até fatos sociais que ali eram relatados. São momentos inesquecíveis. Lógico que, na ingenuidade de uma criança as observações ficavam como contos mágicos e que, com o passar do tempo tudo foi compreendido de que são relatos de vida, ou seja, são fotografias verbais de uma moldura tradicional existente no dia a dia, de vários homens e mulheres que eu estava ouvindo naquela residência.

Muitos desses relatos ficaram marcados. Constatei vários pescadores querendo saber do Sr. Gel o melhor momento para irem à maré, então o Gel olhava para o céu procurando a lua e daí já dizia se a maré estava secando ou enchendo e determinava para os colegas pescadores o que eles deveriam fazer, e que tipo de pescaria era mais apropriada, mostrando o seu conhecimento espacial e ambiental correlacionado à sua forma tradicional de sobrevivência da pesca. Neste ambiente onde o principal assunto é a pesca, também frequentam várias outras pessoas da região para participarem da roda de bate papo, ou seja, não necessariamente pescadores, caranguejeiros, marisqueiros etc. Pois sua casa é considerada pelos locais de boa acolhida, como dizem popularmente, ‘está sempre de portas abertas’

Por diversas vezes, ainda quando criança cheguei a presenciar na casa do Sr ,Gel da tarrafa pescadores artesanais tão experientes quanto o proprietário da casa, como o Sr. Didi e o Sr. Carlinhos pescador, este presidente da associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto. Suas conversas eram acaloradas, sobre práticas e histórias de pescarias, bem como debatiam assuntos de interesse da comunidade em geral.

¹ Espécie de rede de pesca de forma cônica, guarnecida de chumbo nas bordas, que se lança à mão.

O desejo de relatar em pesquisa esses momentos, nos quais fiquei a imaginar outras praças como a casa do Sr. Gel da tarrafa, foi o fator determinante para realizar este trabalho. No município de Rio Tinto temos três agremiações de pesca, Associação dos pescadores e agricultores indígena de Jaraguá (com cerca de 86 filiados), Associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto (com cerca de 100 filiados) e a Colônia z13 com o número maior de pescadores filiados (com cerca de 340) são com alguns pescadores dessas entidades e com outros que não são filiados em nenhuma dessas organizações do qual obtivemos informações, convívios durante este trabalho.

A sapiência dos pescadores artesanais do município de Rio Tinto me tornou um admirador profundo desses homens e mulheres, que ainda vivem da pesca tradicional. É um pouco sobre as suas organizações de pesca artesanal e interação que vamos discorrer neste trabalho. Para tal utilizamos os procedimentos de trabalhos de campo com observações participativas, entrevistas e levantamentos bibliográficos. Abordaremos no capítulo 1 a organização histórica da pesca no Brasil, conceitos de colônia e trechos da constituição 1988 enfatizando os avanços para a pesca no país, já no capítulo 2 descrevemos sobre os pescadores precursores de informações no referente trabalho, bem como vivências no rio Mamanguape com alguns desses pescadores. No capítulo 3 descrevemos sobre pescadores da aldeia indígena potiguara de Jaraguá, sobre a associação comunitária indígena dos pescadores e agricultores da aldeia bem como outros acontecimentos que obtivemos conhecimentos ou presenciamos *in loco* dos atores sociais que sobrevivem do rio Mamanguape. No capítulo 4 discorreremos sobre a pesca na região da barra do rio Mamanguape, envolvimento de muitos pescadores em diversas atividades paralelas à pesca em consequência do fortalecimento da renda familiar e consciência ambiental.

CAPITULO 1 : Histórico e conceito de colônia e organizações da pesca

A pesca sempre esteve presente na história humana desde o homem primitivo e é bem mais do que uma atividade produtiva ou uma atividade de lazer; apresenta uma temporalidade muito antiga que envolve toda uma organização socioeconômica e cultural.

A organização dos pescadores no Brasil tem um longo percurso que podemos destacar, caminho estes de muitas mudanças seja das formas organizacionais ou pelas imposições em nossa história. Devemos considerar que, ainda nos tempos atuais os pescadores filiados em colônias ou em associações, são considerados indivíduos marginalizados na sociedade em que estão inseridos, onde umas pequenas porcentagens de pescadores são vistas pelos poderes públicos que estão à frente de mecanismos de suporte para os indivíduos praticantes da pesca artesanal.

No Brasil, a presença remota da pesca é comprovada pela presença dos SAMBAQUIS – sítios arqueológicos que abrigam vestígios da pesca e coleta de recursos de manguezal, principalmente conchas e peixes, que compunham a dieta do homem primitivo. Segundo arqueólogos e paleontólogos, as populações indígenas da costa meridional do Brasil exploravam as lagunas vizinhas da Serra do Mar há 6.000 ou 9.000 anos.

Fonte: Jornal Nippak, Nov/2016

No período pré-colonial os índios utilizavam também da pesca para o próprio sustento, antes da chegada dos portugueses, com a ajuda de processos rudimentares e empregando canoas e jangadas. No período colonial predominava a pesca indígena de subsistência e teve o início da pesca da baleia, com concessão concedida a portugueses e bascos.

No início do século XX, se dá início as primeiras colônias de pescadores no Brasil sob total domínio do Estado. Segundo MORAES (2009:1): no ano de 1919 foi determinada uma missão para cruzar a costa nacional que teve como seu comandante o Almirante Frederico Villar, cuja a missão tinha como objetivo a criação de colônia país a fora e mobilização dos pescadores para o contingente para Militarização.

As primeiras colônias foram levadas a cabo pela Marinha de Guerra. Dois grandes fatores contribuíram para essa investida do Estado: primeiro, o país começou o século XX importando peixes, apesar de possuir um vasto litoral e uma diversidade de águas interiores; segundo, após a primeira guerra mundial, aumentou o interesse do Estado em defender a costa

brasileira. O discurso instituído para fundar as colônias baseou-se na defesa nacional, pois ninguém melhor do que os pescadores, empiricamente conhecera os “segredos” do mar.

Sendo assim, podemos analisar que a ideia da criação da colônia nasceu como um instrumento do governo para ampliar o comércio pesqueiro bem como, para proteção do território costeiro do país. O conhecimento dos pescadores sobre o meio natural no exercício de suas atividades veio a calhar com discurso do Estado, ou seja, tornando os pescadores como mais um instrumento de defesa nacional. Se tratando de organização, as colônias eram definidas como *agrupamento de pescadores* ou *agregados associativos*. Para poder desenvolver a atividade pesqueira os pescadores eram obrigados a se matricular nas colônias. (MORAES, 2009:1). No Brasil é o segmento que mais tem sofrido intervenções externas, quer na produção e na comercialização dos produtos, quer, nas organizações sociais e políticas de representações, representações estas, que zelaram fielmente pelo papel de contribuir com o estado, e com quem de variadas formas explorou os pescadores deixando-os a margem dos objetivos de qualquer intervenção quando lhes foram dadas oportunidades.

Como se pode observar, os pescadores precisavam de um mecanismo de forma menos explorada do Estado para com seus trabalhos e funções a eles delegadas. Nessa perspectiva, foi criada em 1920, a Confederação dos Pescadores do Brasil, pois até então as relações instituídas entre pescadores e Estado se caracterizavam pelo paternalismo e pelo assistencialismo. No processo de “conquista” da confiança dos pescadores, o Estado prestou serviços gratuitos em embarcações, doou redes, ofereceu serviços de saúde, além de ter criado algumas escolas para os filhos dos pescadores, denominadas de *Escoteiros do Mar*, com finalidade de militarização e treinamento para os jovens, além do cultivo ao civismo. (MORAES. 2009 :2).

Na década de 1930, com a instituição do Estado Novo na era Vargas, a organização dos pescadores passou por algumas mudanças e se notabilizou sobre as inconsistências referentes aos caminhos da pesca no Brasil. Se tornou notório o nível de submissão dos pescadores para com as indústrias voltada para a produção de pesca, assim a pesca artesanal, entre 1967/1977, havia recebido somente 15% do equivalente aos fundos investidos na indústria pesqueira através de incentivos fiscais (DIEGUES, 1983: 137). Já por volta dos anos 80, os pescadores tiveram boas notícias, ao serem contemplados com a criação do movimento constituinte da pesca.

1.1 Defesa dos direitos

Após a promulgação da nova constituição em 05 de outubro de 1988, identificamos alguns avanços acerca da organização dos pescadores artesanais. As colônias foram equiparadas, em seus direitos sociais, aos sindicatos de trabalhadores rurais. O artigo 8 da constituição federal deixa claro entre outros pontos que: fica vedada a criação de mais de uma organização sindical em qualquer grau, representativa de categoria profissional ou econômica, na mesma base territorial, que será definida pelos trabalhadores ou empregadores interessados, não podendo ser inferior à área de um Município:

Ao sindicato cabe a defesa dos direitos e interesses coletivos ou individuais da categoria, inclusive em questões judiciais ou administrativas, como também destaca que "É livre a associação profissional ou sindical, observado o seguinte:

"a lei não poderá exigir autorização do Estado para a fundação de sindicato, ressalvado o registro no órgão competente, vedadas ao Poder Público a interferência e a intervenção na organização sindical." Fonte: jusbrasil.com.br

A Lei n. 10.779/2003, dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal. Esta lei declara que, o pescador profissional que exerça sua atividade de forma artesanal, individualmente ou em regime de economia familiar, ainda que com o auxílio eventual de parceiros, fará jus ao benefício de seguro-desemprego, no valor de um salário-mínimo mensal, durante o período de defeso de atividade pesqueira para a preservação da espécie. (Art. 1º).

A colônia de pescadores, que na verdade é o sindicato dos profissionais trabalhadores na pesca artesanal. As colônias de pescadores, a exemplo, das demais entidades representativas de classes, são autônomas e independentes. Porém, as colônias de pescadores precisam ser filiadas em suas respectivas federações estaduais de pesca como também a Federação estadual tem que para garantir os direitos dos seus representantes, estarem filiadas na confederação nacional dos pescadores. **Art. 3 da Lei 11699/08** *Dispõe sobre as Colônias, Federações e Confederação Nacional dos Pescadores, regulamentando o parágrafo único do art. 8o da Constituição Federal e revoga dispositivo do Decreto-Lei no 221, de 28 de*

fevereiro de 1967. No estado da Paraíba existem 61 colônias de pescadores segue a lista do todas em anexo. :

No estado da Paraíba temos a FEPESCA (Federação dos pescadores e aquicultores da Paraíba), cujo presidente eo SR, Juscelino Miguel. A sede da federação está situada na Av. Eng. Clodoaldo Gouvêia, 888 - Centro, João Pessoa – PB. A federação estadual tem por sua vez sua estruturação a partir da colônia do estado

Assim sendo, o contexto da pesca no nosso país, passa a envolver todas as regiões onde se tinham atividades pesqueiras. Nesta pesquisa, abordaremos algumas características dos pescadores do município de Rio Tinto e sua cultura da pesca artesanal, buscando informações de pescadores filiados em todas as agremiações da pesca presente no município que são: associação dos pescadores artesanais de Rio tinto/PB, associação comunitária de pescadores e agricultores indígenas de Jaraguá e os da colônia z13 da Barra do Mamanguap

CAPITULO 2- Associação dos pescadores artesanais do município de Rio Tinto/PB

A associação é uma entidade com bastante influência na cidade, sobretudo como um espaço de reivindicação de direitos dos associados, seja para anunciar as ações da própria associação ou de outras entidades. A associação tem como presidente Luiz Carlos Bastos de Araújo, conhecido por Carlinhos pescador. Todas as ações da associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto, é propagada por sua direção, seja via rádio (pela emissora de rádio local), seja por meios das redes sociais ou pessoalmente.

Em entrevista com o presidente Carlinhos pescador o mesmo diz que: “um dos objetivos da criação dessa associação é tornar o filiado informado de suas obrigações e direitos.” No dia 06 de Março de 2005 se deu a fundação da associação na residência do Sr: João Alves de Oliveira, em sede provisória na rua do Porto n 1622 = Rio Tinto/ PB. Em 13 de Março de 2005 ocorreu a solenidade de posse da diretoria e conselho fiscal. A pesca artesanal foi inserida na atual lei de pesca (2009) como modalidade de pesca comercial, “praticada por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar” Conforme o que se depreende do artigo 19 da Lei n. 11.959, de 2009.

2.1 Por onde tudo começou

Os primeiros passos da pesquisa foram com os interlocutores da associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto, porém ao iniciar o trabalho não tinha a noção do tamanho ou da multiplicidade desta classe no município. O universo da pesca artesanal na cidade de Rio Tinto ocorre em diversos locais. No município existem pescadores artesanais tanto no mar quanto no Rio Mamanguape e alguns que fazem parte da pesca industrial nos municípios de Lucena e Cabedelo porém, o objetivo do referente trabalho foi com os pescadores artesanais que tem o rio como seu lar de trabalho, seu modo de vida e sobrevivência.

O município de Rio Tinto com extensão territorial de 464,9 km² (IBGE,2010) dentro das quais temos o Rio Mamanguape percorrendo várias comunidades proporcionando estilos particulares de vida de uma boa parcela da população, o município possui também extensão marítima, mapa abaixo.

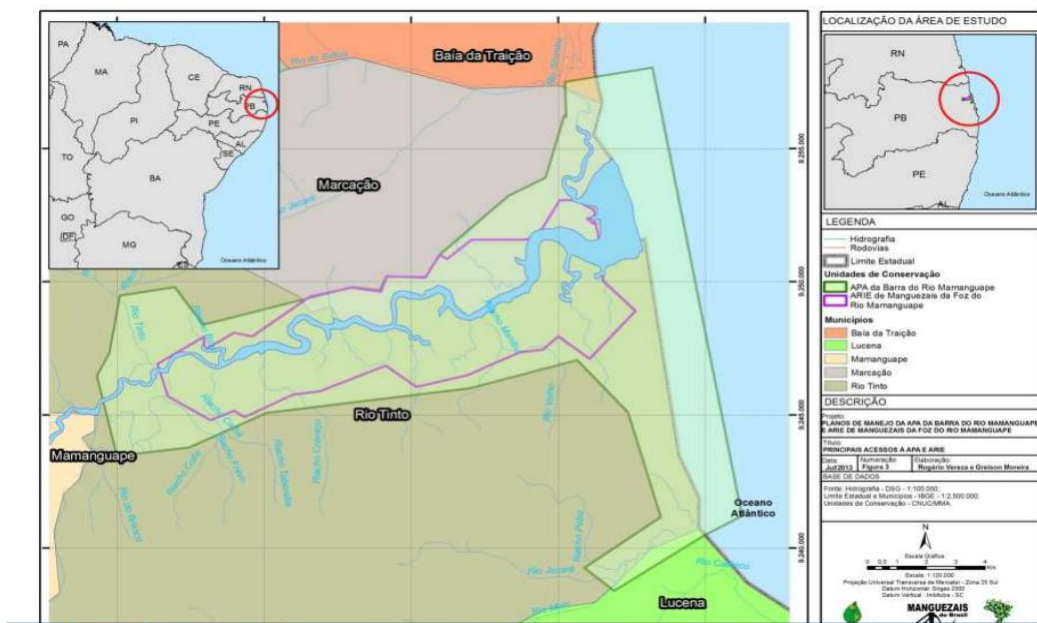
Figura 1 Mapa; extensão marítima Fonte:(<http://www.mma.gov.br/>).acessadoem 06/20018
Acessado: 2018



E um outro mapa temos a extensão do rio Mamanguape sobre os Municípios de Mamanguape, Rio Tinto e Marcação.

Figura 2 Mapa: extensão do rio Mamanguape Fonte: www.icmbio.gov.br acessado: 06/2018

Figura 3 – Mapa de localização da ARIE de Manguezais da Foz do Rio Mamanguape e APA da Barra do Rio Mamanguape.



O rio Mamanguape é dividido em alto, médio e baixo curso. O rio é intermitente em quase toda a sua extensão, tornando-se perene no baixo curso. A APA da Barra do Rio Mamanguape está situada no baixo curso, onde sofre influência marítima. Possui cerca de 25 Km de extensão (VIDAL, 2001) e mais de 5.400 hectares de área de manguezal exuberante (PALUDO & KLONOWSKI, 1999). Fonte: Plano de manejo- APA da Barra do Mamanguape:62,2014.

2.2 Indo ao Rio Mamanguape

Após várias conversas com alguns pescadores sobre as minhas pretensões de registrar a vivência dos pescadores, com as quais convivi boa parte da vida, muitos deles me indicaram o Sr. Carlinhos pescador, presidente da associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto. Depois de alguns dias de muita insistência, me faz um convite para ir junto com ele ao rio Mamanguape e que eu o esperasse ele às cinco da manhã no dia seguinte na casa do Sr. Didi. O Sr. Didi conheço a muito tempo, tem múltiplas atividades na sociedade rio-tintense não só é pescador profissional como também compositor, instrumentista e pedreiro. É uma pessoa muito conhecida na cidade por ser sobrinho do saudoso e conhecido regionalmente professor, Vicente Elias Soares, criador da bandeira da cidade de Rio Tinto, bem como do seu hino, além de ser criador de inúmeras peças teatrais e grupos de danças folclóricas. Vicente Elias é uma referência em diversos seguimentos artísticos da região.

Figura 3Residência do Sr. Didi Foto: Wellington lima 05/2016



Já no dia seguinte, ao chegar à residência do Sr. Didi, por volta das 05:20 da manhã, ele abre a porta de posse de vários materiais em sacolas e uma bicicleta. Logo fui saber com ele o que tinha dentro daquelas sacolas: tarrafa, varas de pesca, garrafas de água, aguardente e frutas. O Carlinhos pescador chega logo após com sua bicicleta e apenas uma chave em suas mãos ficou sem entender o porquê naquele instante. Saímos da comunidade da Rua do Tambor todos de bicicletas com destino ao galpão da associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto, que fica às margens do rio Mamanguape. O Sr. Didi com várias sacolas com garrafas de água, lanterna, tarrafas, frutas e cachaça assim como o Sr. Carlinhos, exceto a cachaça. Chegamos no galpão da associação por volta das 06:00 horas da manhã, ao adentrar no galpão constatamos vários outros materiais para atividade da pesca artesanal., bem como: tarrafas, redes, coletes salva vidas, facas, garrafas, lanternas e candeeiros, todos esses itens foram colocados na canoa.

Figura 4 Sede da associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto, (Foto: Wellington lima 2017



Ficamos por alguns minutos colocando os apetrechos na canoa e nesse meio tempo perguntei ao Sr. Didi dentro do galpão por que esse local é chamado de porto antigo? Sr. Didi, responde:

“Na construção da cidade e da fábrica pelo grupo Lundgren, os navios vinham atracar aqui. Hoje o lugar mal dá para utilizar barcos, logo você vai ver as bases dos diques que ainda podemos ver, foi o que restou”

O pescador em seu depoimento fala dos Lundgren, família que construiu as casas e a fábrica têxtil que a anos está desativada. *Os Lundgren iniciaram sua “atividades” em decorrência de conjunturas econômicas no mercado pernambucano no qual o grupo Lundgren teria uma fábrica têxtil no município de Paulista, e passa a firmar um acordo de isenção de impostos com o governo da Paraíba. Em 1917, para a compra de terras do que viria a ser a nova cidade-fábrica. Para tanto, encarrega-se Arthur B. de Góes homem de confiança do grupo de conhecer terrenos na Aldeia da Preguiça, pequena comunidade habitada por pescadores e índios, à esquerda do Rio Mamanguape, terras pantanosas, alagadiças, definidas pelo escrivão do Cartório da cidade, Antônio Piaba, como bom negócio para botar dinheiro fora. Relata o que viu aos irmãos Lundgren, Arthur e Frederico, deste modo, Arthur de Góes se estabelece em Mamanguape e instala mercearia, com a compra paulatina de terrenos em torno do velho Engenho da região, o Preguiça. Inicialmente ao procurar o proprietário, Alberto Cezar de Albuquerque na tentativa de adquirir o Engenho, tem resposta negativa. Somente mediante intermediação da liderança política de Mamanguape, é aceita a proposta e o engenho é vendido por 25 contos de réis. Tempos depois surge a cidade de Rio tinto. Fonte; (Da Aldeia da Preguiça à Ativa Colmeia Operária”: O Processo de Constituição da Cidade-fábrica Rio Tinto - Parahyba do Norte (1917-1924) pag,61) Eltern Campina Vale*

Os arrendamentos de terra se davam de forma constante e a Companhia de Tecidos Rio Tinto se instalava nesse cenário de conflitos e usurpação do território tradicional Potiguara (**Queiroz:127) Família Lundgren e a fundação da cidade de Rio Tinto: Do medo ao acirramento dos conflitos fundiários pg.**

No local onde está situada o galpão da associação dos pescadores artesanais de Rio tinto, existe também uma capela, da Santa Nossa Senhora dos Navegantes, protetora dos pescadores construída pelo presidente da associação, Sr. Carlinhos pescador, que também é artesão e já foi professor em várias oficinas de artesanato na região. Carlinhos pescador neste primeiro momento no próprio galpão da associação, me dizia, “ se prepare para ver sofrimento amigo, e belas paisagens, é o que conforta. Cheguei a imagina que o mesmo tinha dúvidas de que eu seria capaz de suporta o dia que estava por vir.

Saímos do porto empurrando a canoa com todos os materiais para usar na pescaria bem como nossas bolsas com comidas e no meu caso máquina fotográfica, caderno e caneta, pois o nível da água com a maré baixa esse local próximo ao porto fica impossível qualquer embarcação com o número de apetrechos que estávamos ter a navegação, então andamos com águas no joelhos por cerca de 200m para daí chegar em um nível possível para a navegação. Carlinhos pescador a minutos atrás teria me alertado e em pouco tempo pela primeira vez no rio Mamanguape já tinha obtido tanto o sofrimento quanto o conforto daquele lugar.

O quase imóvel silêncio desse lugar, sendo quebrado apenas pelo som das batidas das águas na canoa do remo no rio e os cantos dos pássaros me faz pensar o porquê de nunca ter ido antes para este local? Fiquei realmente abismado com o cenário e de imediato com os olhares dos pescadores em nossa canoa para todos os lados do rio. Sr. Didi logo se apossa de uma das tarrafas ficando em pé na pequena canoa aponta para um local e pede para o Carlinhos Pescador guiar com o remo a canoa Sr. Didi arremessa um seixo (bastante usado por pescadores, essa técnica atrai peixes maiores, pois eles “pensariam” ser comida), aonde posteriormente vai dá um lance² com sua tarrafa foi o que fez sem êxito inicial. Paramos em diversos locais no decorrer do dia e durante todo o percurso as tarrafas juntamente com os seixos foram lançadas ao rio e por menos da metade veio peixes. Paramos em duas Croas³ durante o trajeto para descansar e comer. No percurso de volta para o porto, os pescadores eram mais falantes e me perguntaram o que eu estava achando, contando histórias de pescarias anteriores mostrando sempre os lugares por eles denominados por Gamboa⁴ do qual é (chamado popularmente como camboa), nossa chega ao porto foi por volta das 18:00 hs já escurecendo vendo o cansaço dos pescadores depois de uma manhã e tarde expostos ao sol e quase todo o tempo ao movimento dos remos e dos arremessos das tarrafas no rio Mamanguape, também percebi o quanto era cansativa a pesca artesanal.

Figura 5: Pescador Didi mostrando os peixes capturado (Foto: Wellington lima, 04/2015)

² É o arremesso da tarrafa na água

³ Substantivo feminino; elevação de terra nos rios e **maré**; o mesmo que **coroa**.

⁴ Pequeno esteiro, que se enche com o fluxo da maré, e fica seco na vazante



A partir desse dia o convívio ficou cada vez maior com os pescadores artesanais do município de Rio Tinto, foram diversos encontros seja no rio Mamanguape, nos mangues e em vários portos existentes no município. É importante frisar que, 80% dos portos são de pequeno e médio porte. São eles: porto de Cravaçu, barra do rio Mamanguape, Tanguês, Arintigui, Tavares temos também dois portos na aldeia Jaraguá um chamado de porto antigo onde atracam algumas canoas, e o outro é o maior entre todos citados, que é o porto novo. E, temos o porto no final da rua do porto onde está a sede da associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto, percorremos localidades que ficam a 26km do centro da cidade, que é a Barra do rio Mamanguape nessa região está unidade federal de conservação do habitat de peixe boi marinho no estuário do rio Mamanguape, que abordaremos brevemente no capítulo quatro, pois há o envolvimento de muitos pescadores com o projeto peixe-boi Marinho como também, áreas indígenas e diversas comunidades tradicionais.

2.3 Percepção e conhecimento

Os pescadores artesanais possuem conhecimentos empíricos, que devem ser considerados no estabelecimento de reorientações quanto à sua conduta em relação ao ambiente e à obtenção de recursos naturais. Com base nisso, destacamos um fato ocorrido em um dos dias que estive no Rio Mamanguape com os pescadores.

Estávamos de canoa juntamente com o pescador Carlinhos e Sr. Didi já por algumas horas no rio passando em um belíssimo lugar chamado de Gamboa de Cravaçu, localidade que fica a cerca de 2,5km do porto de Jaraguá indo em direção à Barra do Mamanguape,

fiquei maravilhado com o local por alguns segundos quando os dois pescadores de minha canoa escutam um barulho, vindo de dentro do mangue. Eu não ouvi nada, só os cantos dos pássaros e remo nas águas. Eles logo fazem uma manobra na canoa em direção as margens do rio sendo em direção ao mangue no nosso lado esquerdo, eu perguntei: que barulho seria este? Continuava sem ouvir algo diferente, mas os dois ao mesmo tempo falam: vamos do apoio. Eles puxaram a canoa para fora do rio laçando uma corda de seda em uma arvore do mangue, peguei minha mochila e fui com muita dificuldade tentando andar no terreno acidentado do local, fiquei sempre atrás dos pescadores no percurso, tentando observar em meio a várias vegetações do mangue com receio de alguns caranguejos que em nos ver entravam em seus buracos. Logo depois fui ouvindo o tal barulho, era um som ecoando dentro do mangue` tooo,`` tooo tooo`. Nesse instante vi nos dois pescadores objetos em suas mãos, Didi de posse de um facão e uma garrafa de cachaça, Carlinhos uma faca e um pedaço de borracha, logicamente aumentou minha curiosidade sobre o que viria ocorrer.

Andamos cerca de 08 a 10 minutos, quando observei logo adiante com uns 20 metros de nós, dois pescadores, uma canoa colocada a parte de baixo para cima, uma fogueira e bastante fumaça. Já juntos com os dois pescadores dentro do mangue constatei que eles estavam colocando piche derretida na canoa, na fogueira tinha uma lata de alumínio com vários pedaços de piche dentro, eles estavam utilizando pedaços de paus em formato de um taco causando o som ouvido a distância por Carlinhos e Didi. Os pescadores estavam remendando sua canoa que outrora teria se rompido, esses pescadores que fomos ao encontro dentro do mangue, são moradores da aldeia Jaraguá. Durante nossa presença no local seu Didi e Carlinhos pescador passaram a ajudar estes pescadores e juntos tomaram a cachaça, comeram peixes e siris na fogueira. Foram uns dos momentos inesquecíveis que vivenciamos nesta pesquisa, O que meus interlocutores ouviram foi pescadores fazendo remendo em sua canoa, São estes conhecimentos, estas noções aguçadas dos pescadores artesanais de várias experiências, que particulariza estes homens em sua cultura. Nesse sentido, as práticas subjetivas e objetivas tecem e moldam modos de vida ao projetar formas de socialidades reveladoras de particularidades sociais.

2.4 Aparelhos, espécies da pesca artesanal no rio Mamanguape

O conhecimento do meio físico é extremamente importante para uma navegação segura, para o uso adequado de instrumentos de pesca e para a identificação das espécies de pescado. O pescador tem uma forma de observar suas embarcações com muito rigor, tendo o

cuidado com as possíveis imprevistos bem como: furos na embarcação, tábua danificada, tamanho da maré para colocar as embarcações nos lugares certos tendo em vista que muitos possuem pequenas canoas e devido ao porte muitas delas não suportam, por exemplo as águas próximas ao mar e etc. o zelo que os pescadores que possuem suas embarcações são visíveis nos portos da cidade.

Figura 6 Pescador consertando a rede de pesca Foto: Wellington lima, 07/2018



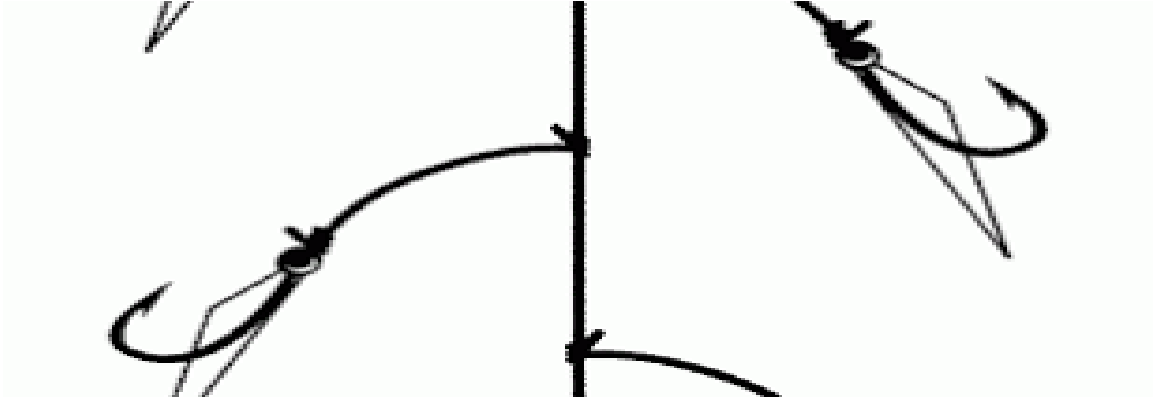
Como também o cuidado com os seus apetrechos utilitários nas pescarias, onde muitos, ou quase todos, eles se utilizam da Tarrafa que vem a ser uma rede composta por um pano(Nylon), circular que em seu centro possui uma corda presa chamada de feira, em sua borda possui pesos de chumbo, e de espaços a espaços linhas que puxam a extremidade da borda da rede ao interior, formando um saco que impede a fuga do pescado no momento do uso.

Figura 7: Tarrafa: apetrecho utilizado na pesca artesanal, Foto Wellington lima, 2016



Uma boa parcela de pescadores se utilizam do Espinhel, que tem uma linha principal onde a cerca de sua extensão é amarrada várias linhas com anzóis para a capturas de peixes.

Figura 8 Espinhel: apetrecho utilizado não só na pesca artesanal como na industrial, Fonte: (Google, 2018) <http://www.tabonfils.com>. Acessado em : 2018



Não é comum hoje a pescadores artesanais se utilizarem do espinhel do rio Mamanguape. Durante a pesquisa não foi visto, porém sabemos que em algumas caiçaras o material é possível detectar.

Um outro apetrecho é o Puçá, é feito em um aro metálico ou de cipó que é preso a uma haste de madeira com um saco feito de linha seda para pegar siris possibilitando também captura de camarões. O puçá é bastante utilizado por pescadores artesanais. Durante nossa experiência podemos constatar que muitos dos pescadores mesmo indo para pesca seja de tarrafas, redes para pesca de toma ou outras práticas de captura carregam o puçá em suas canoas

Figura 9 Puçá: apetrecho utilizado na pesca artesanal, Foto: Wellington Lima, 2017



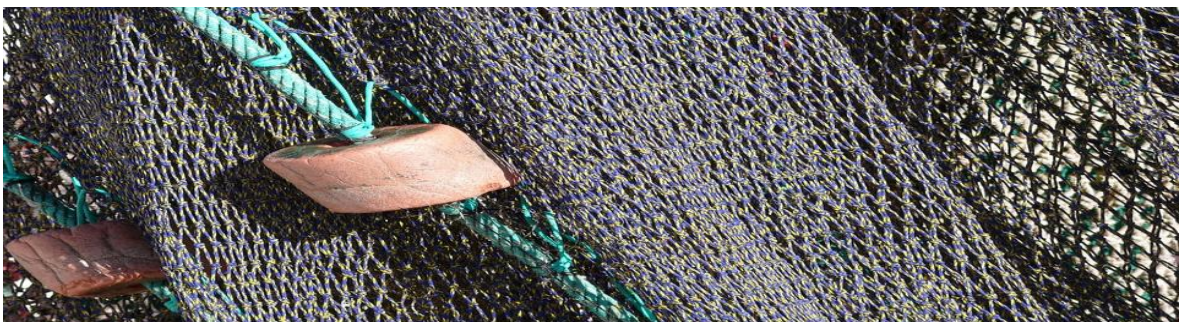
Os pescadores do rio Mamanguape também se utilizam da rede de arrasto que é uma rede de tamanho bem maior do que geralmente são as tarrafas, tem um tamanho médio de 80 a 120 metros, que requer um grupo de pessoas para os manuseios com esse artefato de porte elevado.

Figura 10 Rede arrasto: apetrecho utilizado na pesca artesanal, (Fonte;Google <http://www.imagensdobrasil.art.br>, acessado: 2018



Existem alguns pescadores artesanais que em sua pescaria utiliza da pesca de tomada, trata-se de redes grandes de seda que são colocadas juntas no arredor das vegetações do mangue quando a maré estiver secando o peixe ficar na rede é uma pescaria demorada e cansativa pois como pode ser observado tem que armar a rede na maré cheia e esperar na vazante.

Figura 11 Rede de pesca: apetrecho utilizado tanto na pesca artesanal quanto na industrial, Foto: Wellington Lima,2017



Podemos constatar uma outra atividade de captura no rio Mamanguape através dos currais de pesca utilizando redes em círculos feitos de paus de mangue. Porém é comum sobre tudo próximo ao porto novo aldeia Jaraguá alguns são para a criação de ostras

Figura 12 Curral de pesca: utilizado tanto na pesca artesanal como na industrial, Fonte: Google; <http://www.imagensdobrasil.art.br>, Acessado: 2018



Obs.: varas de anzóis, molinetes não são muito comuns no meio dos pescadores artesanais.

A complexidade do trabalho da pesca estrutura-se com base num intenso intercâmbio entre esses saberes acerca dos mecanismos e ingredientes existentes no ambiente, “tornando o saber naturalístico, enquanto fator de produção” (LIMA, 1997,: 111)

O rio, e conseqüentemente o mangue, possibilitam variedades de peixes e crustáceos, como por exemplo:

Figura 1, Tabela das espécies existentes no Rio Mamanguape, Planeta Biológico, acessado em :2018

Nome Popular	Nome Científico
<i>Piaba</i>	<i>Serrapinnus heterodon</i>
<i>Traíra</i>	<i>Hoplias malabaricus</i>
<i>Piau</i>	<i>Leporinus bahiensis</i>
<i>Jundiá</i>	<i>Rhamdia quelen.</i>

Cascudo, cascudinho, limpa-vidros	<i>Parotocinclus bahiensis</i>
<i>Peixe-cobra, tuvira, sarapó, lampreia</i>	<i>Gymnotus carapo</i>
<i>Mussum</i>	<i>Synbranchus marmoratus</i>
<i>Coró</i>	<i>Cichlasoma sanctifranciscense</i>
<i>Caboge, cambota</i>	<i>Callichthys callichthys</i>
<i>Carapeba</i>	<i>Diapterus Rhombeus</i>
<i>Xaréu</i>	<i>Caranx lugubris</i>
<i>Salema</i>	<i>Anisotremus virginicus</i>
<i>Camurim – robalo</i>	<i>Centropomus undecimalis</i>
<i>Camarão</i>	<i>Farfantepenaeus subtili</i>
<i>Siri</i>	<i>Callinectes</i>
<i>Ostras</i>	<i>Ostreoida,</i>
<i>Marisco</i>	<i>Anomalocardia</i>
<i>Aratu</i>	<i>Aratus pisonii</i>
<i>Tainha</i>	<i>Mugil liza</i>

Os pescadores artesanais em diversos depoimentos durante este trabalho, demonstram um conhecimento que envolvem a construção de técnicas, lógicas para subir e descer o rio, ao produzir renda para sustenta o seu modo de vida, com o produto da pesca. Esse modelo de sobrevivência, baseado na pesca artesanal requer conhecimento e saberes que englobam diversos campos, como a classificação de espécies aquáticas, comportamento dos peixes, taxonomias, padrões de reprodução, emigração das espécies, cadeias alimentares. Eles se referem também às características físicas e geográficas, os pescadores sobretudo os mais experientes, por muitos momentos em rodas bate papos com pescadores podemos ouvir seguintes argumentos: “semana que estava por vir não seria boa para pescar de tomada não vai ter maré grande” significa dizer que o nível das águas com a maré baixa não vai ser suficiente para entra peixes no mangue.

A arte dos pescadores resulta de sua criatividade, de seu sentimento de liberdade e resistência, pois a pesca artesanal sempre se caracterizou, para seus profissionais, como uma não subordinação à sociedade canavieira e nem a sociedade urbana de consumo, que fizeram com que seu trabalho e seu modo de vida (para eles livres)

permitissem o surgimento de uma arte (a arte da pesca) repleta de códigos próprios. (Ramalho pg.3)

Na dura luta na sobrevivência em consonância com a natureza, os pescadores, sobretudo aqueles de vasta experiência, vivem no sentido da valorização aos modos repassados e por diversas vezes retratam suas histórias. Podemos constatar que, não há ambições materiais, mesmo os pescadores tendo a percepção do mundo atual, onde a sociedade está cada vez mais consumista, palavras do pescador Didi. Se referindo ao seu ambiente de trabalho enfatiza sua ideia de mundo e de sociedade, quando se coloca como um indivíduo que tem a responsabilidades de preservar o meio que vive e de repassa isso para outros, chegando a dizer que é um ajudante da natureza, o pescador ao tempo que observei nas margens ou dentro do rio Mamanguape é bastante preocupado com a preservação e chega a falar para outros pescadores sobre o dever de todos em proteger a natureza.

A continuidade da cultura da pesca artesanal é uma preocupação para muitos sobretudo para os pescadores mais velhos. O nível das águas no rio, o poder dos usineiros com suas interferências para com boa parte do rio Mamanguape com as plantações de cana-de-açúcar com mais irrigações e fertilizantes que escoam pelo rio poluindo-os, são alguns dos motivos da perda do sossego dos anciões da pesca artesanal no município de Rio Tinto. ``A proteção ambiental é fundamental para a vida do rio. A proteção ambiental deveria ser uma lei universal ou uma obrigação humana``, O Carlinhos pescador frisa, sobretudo o avanço nas margens do rio das plantações de cana de açúcar e a falta de reflorestamento e de forças políticas.

2.5 Um artesão de grande conhecimento da pesca: Sr. Gel da tarrafa

Figura 13: Pescador Gel da tarrafa. Foto: Wellington Lima, 2015



Temos como membro da associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto o Gel da tarrafa, uma das figuras mais respeitadas da pesca na região. Estivemos por diversas vezes no

Rio Mamanguape na presença deste pescador de com 58 anos idade e cerca de 50 deles na pesca artesanal, que o faz um profundo conhecedor do Rio e dos mangues. Ele faz parte de um grupo seletos são atributos que vivem da atividade pesqueira, faz parte do grupo dos pescadores sábios, os gurus, ou seja, aqueles que compreendem como funciona cada forma de pesca para cada tipo de peixe, fases da lua, entre outros. Sendo assim, o Gel da tarrafa faz da sua sobrevivência um sistema de convicções na prática da pesca artesanal. Trata-se de um indivíduo que já a mais de dez anos, mora só a pós a morte de sua mãe, nunca cassou e não tem filhos. É instigado em alguns o mesmo momentos em sua casa por seus amigos tomando pinga e batendo papo, que dizem: ``arruma uma parceira Gel!`` Ele sempre responde: `` eu jamais vou tirar alguém de sua casa para viver da minha forma, é muita responsabilidade um casamento para um pescador artesanal assumi``

Figura 14 quintal da casa do Gel da tarrafa, Foto: Wellington lima



Gel é um indivíduo pacato que quando vemos em sua residência ou está com a tv ligada em algum jornal ou com o rádio procurando sempre está informado dos assuntos do país ou de sua cidade. Nos momentos pós pescaria é comum o Sr. Gel socializar tomando uma pinga com seus amigos pescadores e vizinhos, tratando -se de um é um indivíduo popular na cidade, conhecido por muitos não só no meio da pesca, mas também de pessoas de variadas classes por seus conhecimentos de marés e materiais de pesca, é chamado por muitos que não são pescadores profissionais, ou seja, aqueles pescadores de fim de semana para fazer parte de pescarias em várias localidades da região. O Gel da tarrafa é um pescador diferenciado seja em sua pratica pesqueira seja na maneira que é visto por populares da área ou não da pesca, dada a sua interatividade com todos ao redor. Ao longo da pesquisa podemos observar que ele tem uma paciência não só quando está no rio pescando, mas também no seu modo de vida sempre com discurso de paz e irmandade entre colegas e vizinhos. Um indivíduo de profundo respeito e amor pela pesca e pelo seu modo de vida.

Ir ao rio na companhia desse experiente pescador é ter oportunidade de captar inúmeras situações que com muitos outros pescadores não é comum. Foi estando em sua companhia que descobrimos quantas gamboa temos identificadas pelos pescadores que são: Tavares,(comunidade próxima) do Mero,(nome de um peixe comum no referido lugar) Cavuassu,(comunidade próxima) Itaberaba, dos Ratos, Três Rios(comunidade próxima) e Imbé,(significa a planta rasteira trepadeira).

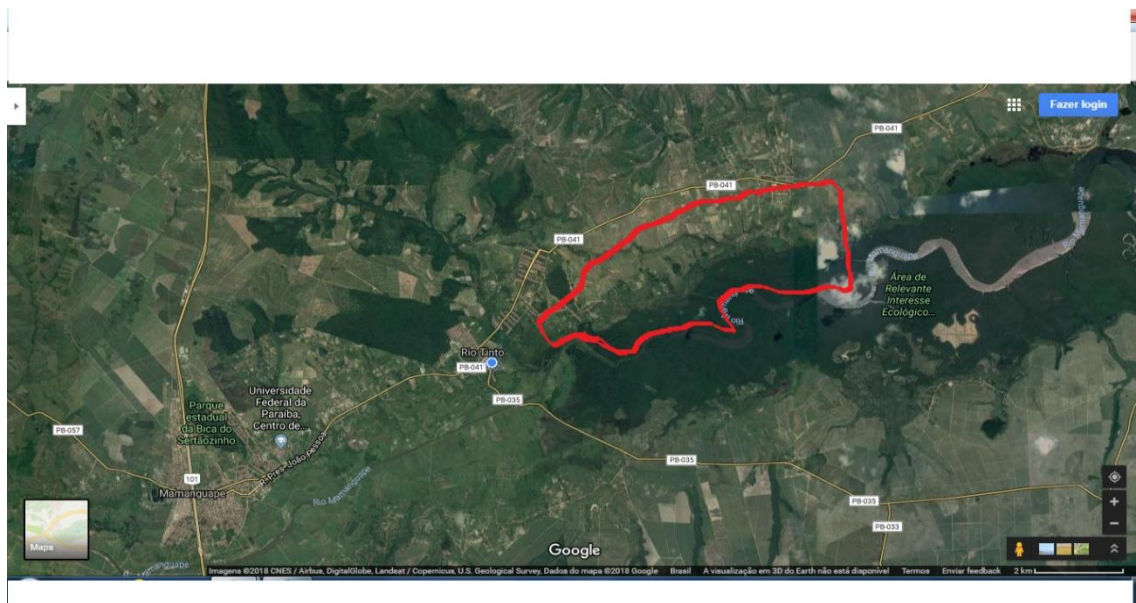
Estando navegando no rio com esse respeitado pescador artesanal , a nossa embarcação é por muitas vezes parada não só para o Sr. Gel jogar sua tarrafa na água, mas por que vários pescadores em outras embarcações nos chegam para falar com o experiente pescador, muitos querendo obter informações sobre lugares onde poderiam pegar mais peixes, outros para mostrá-lo o que no momento já tinha pescado e muitos para oferece cortesia e pedindo para que nossa embarcação se atraque em um lugar seguro para que seja servido comidas e bebidas, ou seja os lanches ou até mesmo uma boa quantidade do que até então foram pescado é posto no banquete improvisado nas margens do rio Mamanguape. Trata-se de um momento de socialização durante a pescaria na qual, ao lado do Sr. Gel, era uma constante os pescadores mais jovens sempre que tem a presença do pescador conhecedor busca sempre dicas. E o que chama atenção é que Sr, Gel não se furta em tentar ajudá-los, o pescador por tem uma tranquilidade tanto nos momentos da pesca quanto nas rodas de bate papos, costuma sempre falar ``CALMA`` para os amigos que vez e outra reclamam da pescaria com baixo número de peixes. O experiente pescador tem a visão de que não precisa desespero, tudo tem seu tempo. É o tempo do pescador.

Não é que estamos nivelando os outros pescadores e colocando o Sr, Gel da tarrafa, como o soberano da pesca artesanal na região. O que ocorre é, no referido trabalho encontramos diversos pescadores experientes dos quais obtivemos grandes informações, porém ouvimos de muitos pescadores, que tem no o Sr,Gel como suas referências na pesca artesanal, que conseguimos constatar na pratica essa realidade de reconhecimento dos outros pescadores da sua longa experiência, mesmo existindo outros exemplos o Sr, Gel é referência respeitável.

CAPITULO 3 – Extrativismo na Aldeia Jaraguá

A comunidade Jaraguá da etnia potiguara possui uma área com imensos manguezais bem como, o maior porto pesqueiro da região por onde passa o rio Mamanguape, a cultura da pesca é bastante comum na comunidade sendo mais uma atividade de sobrevivência da grande maioria dos indivíduos, podemos destacar outros grupos nessa linha cultural que são os catadores de caranguejos onde mais na frente iremos destaca-los e os catadores de ostras. A gama de conteúdos referente a pesca ou ao sustento de família no rio e nos mangues nessa aldeia é sabido por uma grande parcela da população no município de Rio Tinto.

Figura 15 Mapa: Aldeia Jaraguá, Fonte: Google; <https://mapasapp.com>. Acessado: 2017



Na aldeia temos uma entidade com fins organizacionais para a pesca, que vem a ser a Associação comunitária dos pescadores e agricultores indígenas da aldeia Jaraguá, estando situada na rua principal S/N, município de Rio Tinto. Foi fundada no dia 10 junho 1991 e teve sua publicação no dia 16 de maio de 1992 no diário oficial do estado da Paraíba, CNPJ: 40976102/0001-61. Conta hoje em 2018 com 74 sócios sendo 65% deles indígenas. Fonte: Associação comunitária dos pescadores agricultores indigenas de Jaraguá, 2017).

Figura 16 Sede da Associação. Comunitária dos pescadores agricultores indígenas de Jaraguá (Foto: Wellington lima 2017).



O presidente da associação indígenas da aldeia Jaraguá o Sr. Severino Ramos da Cruz, potiguara conhecido por ‘Ramos da associação’ em uma das entrevistas, nos relatou o início da luta pela criação desta associação, no ano de 1991, quando, juntamente com o Sr. Jose Batista da Silva não indígena conhecido como ‘Zé balão,’ decidiram criar uma Associação nesta aldeia indígena para atender as necessidades dos moradores, quer seja indígenas ou não. E assim apresentaram em uma reunião extraordinária na aldeia Jaraguá as propostas e os objetivos para a fundação de uma Associação. Muitos não entendiam nem sabiam quais as finalidades que a organização representaria para seu povo. Na década anterior a fundação da Associação, já era existentes os conflitos entre moradores da aldeia e usineiros no trabalho do pesquisado Estêvão Palitot (Povos indígenas potiguara, 2015). retrata bem este período.

Com a associação em atividade, logo se iniciou as lutas em prol da comunidade onde podemos destacar a luta contra os usineiros, em específico contra à destilaria JAPUNGU (usina de cana-de-açúcar). Através dos representantes da associação foram realizadas uma série de reuniões para discutir o fim do plantio de cana-de-açúcar na aldeia. Uma luta grande que veio a dar resultados em benefício dos agricultores e pescadores locais.

Essa foi uma das ações da associação comunitária dos pescadores e agricultores indígenas da aldeia Jaraguá, que destacamos fato de atingir, ou melhor, de ser uma ação que trata diretamente do meio ambiente, objetivando livrar os agrotóxicos e de outros malefícios que as usinas causam com o plantio de cana-de-açúcar.

A associação após reivindicação dos seus associados ao governo do estado da Paraíba passou a adquirir no ano de 1995 por meio da secretaria do trabalho e ação social

(SETRAI) 9 canoas para beneficiar 27 famílias de pescadores E através de sorteios foi feita as entregas na associação.

Por estar situada em uma aldeia, a associação tem sua especificidade com relação aos pescadores da colônia z13 da Barra bem como com relação aos pescadores da associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto. Sobretudo pela influência do Cacique local em várias determinações, por exemplo: no porto novo que é uma área consideravelmente importante para uma parte significativa dos pescadores não só da aldeia Jaraguá como de outras localidades, o cacique é quem determina onde e pode fazer suas caiçaras, (abrigo tosco ou palhoça (na beira de praia, para guardar embarcações, redes etc.). E até mesmo de desmanchar uma se porventura o líder local não vier a concordar com sua instalação seja porque o cacique não fora comunicado antes, por não ter boa relação com o proprietário, etc.

Os pescadores da aldeia Jaraguá não são necessariamente todos são filiados na associação comunitária dos pescadores e agricultores indígenas de Jaraguá, é o caso da dona Maria, uma pescadora experiente que 4 anos viu nas ostras uma forma de aumentar a renda familiar. Maria é filha de Dona Nininha, uma das mais antigas pescadoras frequentadora do porto novo de Jaraguá. Maria é filiada à colônia z13 da Barra do Mamanguape, Perguntamos a mesma o porquê de ela optar pela colônia da Barra e não associação de onde ela reside ela me falou que o seguro defeso é uns dos motivos pelo qual fez esta escolha e que tem outros motivos pessoais em questão do qual não nos relatou. Porém não a nada de ilegal ser filiado em Associação e colônia, Maria intensificou os trabalhos com as ostras e já tem 4 pessoas da comunidade trabalhando para ela, As ostras são vendidas para os restaurantes e hotéis do Rio Grande do norte, através de atravessadores A complexidade do trabalho da pesca estrutura-se com base num intenso intercâmbio entre esses saberes acerca dos mecanismos e ingredientes existentes no ambiente, “tornando o saber naturalístico, enquanto fator de produção” (LIMA, 1997:111).

É corriqueiro na aldeia Jaraguá ter vários pescadores que não são filiados em nenhuma outra agremiação de pesca do município de Rio Tinto. Os movimentos são os mais diversos, desde escolha de alguns pescadores principalmente, os anciãos da aldeia que não tem a prática de se reunir em grupos organizados, até, os laços políticos sociais da comunidade indígena.

O presidente atual o Sr. Ramos da associação, porém, nunca chegou a firma uma aliança concreta com os caciques que ali passaram não sendo diferente com o cacique atual Anibal, ou seja, na comunidade, sobretudo os indígenas, tem dois campos referenciais, uns

quer compartilham das ideias e ações do presidente da Associação, outros do cacique Anibal. Não é que existam brigas violentas na comunidade, mas uma disputa de status e poder local, o cacique tentando se sustentar no posto de liderança e o presidente pretendendo ganhar cada vez mais notoriedade dos indígenas e não indígenas da aldeia.

3.1 Com os pescadores mais experientes da região

Vários pescadores contribuíram com informações seja no porto novo na aldeia Jaraguá seja navegando com eles no rio Mamanguape, em reuniões e eventos pescadores como Sr, Silvinha que em uma manhã na secretaria de Agricultura e pesca do município de Rio Tinto, em evento: chamado CAFÉ DA MANHÃ COM OS PESCADORES realizado no ano de 2017 no 13 de maio, nos passou algumas informações sobre sua experiência na pesca artesanal do qual nos passou as dificuldades e prazeres que se tem na sua profissão, chegando a dizer que quando não está pescando (na maré) não se sente bem. Estivemos também durante várias horas no rio com o experiente pescador Sr,Sivuca, o mesmo já a mais de 60 anos é pescador artesanal e tem habilidades para construí canoas seja para o próprio uso seja para vendas.

Um outro pescador da aldeia Jaraguá do qual obtivemos diversos contatos vivenciando inúmeras experiências no Rio Mamanguape é o pescador Paulo do porto. É um pescador que tem muito zelo pelo porto de Jaraguá, está sempre pintando os barracões e caiçaras seja com parcerias com a direção de pesca do município seja por sua própria vontade, Paulo do porto como é conhecido também teve um papel fundamental no projeto de revitalização do porto onde logo adiante iremos destacar. Um outro pescador com quem obtivemos vários encontros nos mais variados locais foi com o presidente da associação o Sr,Severino Ramos da Cruz (Ramos da Associação). Um indivíduo dedicado às causas da comunidade visto por muitos da aldeia Jaraguá como uma liderança respeitada.

Presenciamos em uma das tardes no porto, um dos pescadores mais experientes a frequentar a décadas o porto novo, Sr. Eufrásio, e na oportunidade quem também estava no mesmo bate papo foi a pescadora Dona Nininha que assim como o Sr. Eufrásio é uma das mais antigas da pesca na região. A pescadora que tem por volta de 75 anos, tem uma vida de história com a pesca artesanal chegando a criar todos os seus 6 filhos do sustento da maré, como ela mesmo nos relatou. No decorrer das conversas Sr, Eufrásio falou muito sobre os tamanhos dos peixes pescados em outras épocas sobretudo nas décadas de 60 e 70 enfatizou

quer o rio era grande, por isso tinha peixes graúdos. Dona Nininha só confirmava tudo que era dito pelo pescador de grande conhecimento da pesca artesanal assim como ela. **Figura 17** Sr. Eufrásio e Dona Nininha, experientes pescadores, Foto: Wellington Lima, 05 de junho de 2017).



Não tive a segunda oportunidade de ter um novo contato com o Sr. Eufrásio, pois o mesmo não reside mais na aldeia Jaraguá e sim na aldeia vizinha Monte Mor. Segundo este antigo pescador não tem mais vitalidade para a pesca artesanal, do qual, falar quer não adianta pescar três ou quatro horas, a pesca tem que durar no mínimo o dia todo e meus filhos tem esse cuidado com o velho aqui o experiente pescador falar sorrindo e com os olhos cheios de lágrimas. O Sr. Eufrásio representa para muitos dos pescadores, não só da aldeia Jaraguá como muitos outros de diversas regiões um exemplo de vida no Rio Mamanguape. Diegues (1983: 198) coloca que a pesca é a última atividade humana de caça ainda realizada em grande escala.

3.2 O maior porto pesqueiro da região

É no porto novo na aldeia Jaraguá que fica a maior concentração de pescadores c aldeia. Temos um outro porto, visto por muitos como mais tradicional que se chama porto velho, porém neste porto não há caiçaras, só pequenas embarcações. Por outro lado, o porto novo é o maior porto do município e podemos ver diversas caiçaras, mas com o passar do tempo e o contato quase que diário com os pescadores da aldeia podemos constatar que as

caiaças do porto são quase que em sua totalidade daqueles pescadores não filiados na associação da comunidade do qual tem o aval do cacique e sua confiança ou seja, pescadores cadastrados na Associação da aldeia presidida pelo liderança Sr,Ramos são raríssimos os que conseguem o mesmo espaço com relação as caiaças no porto.

No porto maior da aldeia e conseqüentemente do município, foi feito um trabalho de contenção e revitalização, o mesmo se encontrava em uma situação de abandono. Atendendo os pedidos dos pescadores locais a direção de pesca do município de Rio Tinto, enviou um ofício para os institutos responsáveis irem no local. Portanto estiveram uma equipe da Área de proteção ambiental (APA), Instituto Chico Mendes (ICMBIO), e Professores do curso de ecologia da UFPB Campus IV, no local onde o objetivo era que as instituições competentes pudessem ver e ouvir dos pescadores as suas necessidades, para daí ter uma autorização para a prefeitura realizasse os serviços. A liberação foi alcançada através do ICMBIO.

Os trabalhos foram feitos em parceria público privado, onde um empresário do estado do Rio Grande do Norte, comprador de ostras no porto do qual, remunerou um grupo de pescadores comandados pelo pescador Paulo do porto, e a prefeitura entrou com as máquinas, matérias para a realização dos trabalhos. O porto, segundo os próprios pescadores, hoje está com uma maior e melhor estrutura.

Figura 18 Porto: Aldeia Jaraguá, Foto: (Wellington Lima, porto novo 10, julho, 2018).



O porto de Jaraguá foi por muito tempo administrado pela companhia de tecidos Rio Tinto, nele se chegava batelões carregados de madeiras e grandes barcos com mais variados insumos e máquinas e equipamentos para a fábrica de tecidos da família Lundgren.

3.3 A vida no mangue

A diversidade de atividades de sobrevivência na aldeia Jaraguá sobretudo, no Rio Mamanguape e seus mangues é visível, uma delas é a cultura da cata dos caranguejos, tendo alguns indivíduos filiados na Associação da comunidade. A cata do caranguejo é tradicional na aldeia sobre isso houve uma reunião provocada pelo cacique local, com todos os catadores da aldeia juntamente com representantes do ICMBIO e PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO TINTO, Durante a reunião foi decidido para se fazer um cadastro desses catadores em uma outra data.

Figura 19 Reunião com catadores de caranguejo. Foto: Wellington lima, 2018).



A cata de caranguejos é de suma importância para muitas famílias na aldeia Jaraguá que quase em sua totalidade são famílias extensas, com isso ao perderem ou se tornarem proibidos para suas atividades acarreta em uma defasagem considerável na renda dessas famílias, podemos observar que vários catadores de caranguejos nunca trabalharam de carteira assinada na vida.

Figura 20 Cadastro dos catadores: Foto: (Wellington Lima 07 de Junho 2018).



Foram detectados 65 indivíduos no universo de 1815 habitantes na comunidade, (Fonte: Secretaria de saúde município de Rio Tinto-pb). ``Todos os nomes dos indivíduos estão em uma ficha cadastral`` do qual a Direção de pesca do município ressalta em pedido a as entidades responsáveis IBAMA e ICMBIO, quer os tornem aptos a suas práticas culturais e econômicas, porém, os catadores tem que atender a todos os requisitos de preservação do caranguejo bem como do meio ambiente em sua linha geral, aceitando os paradigmas específicos que por ventura eles terão que seguirem, o objetivo não é torná-los foras da lei mas, de garanti sua sobrevivência, tendo em vista quer aqueles que por ventura não falaram a verdade no cadastramento sobre ter a renda de forma exclusiva da cata do caranguejo que passem a serem punidos.

Os números de indivíduos que o cadastro detectou obviamente não é a totalidade existente ouvimos de alguns que foram ao local do cadastro que amigos e parentes não quiseram realizar o cadastro alguns não especificaram o porquê, porém outros disseram que os que não queria fazer o cadastramento são aqueles que não ve um futuro na cata do caranguejo falando que antigamente era rendável e que agora só dá para comer. Sobre isso vamos vai de encontro com que o pesquisador Rubens Silva, no trabalho Racionalização e transformação sociocultural em comunidades pesqueiras no Nordeste do Brasil, 2006. Onde relata sobre duas comunidades ribeirinhas no município de Bayer na Paraíba. A produção familiar da captura do caranguejo assumia o caráter coletivo, de solidariedade social para a coesão grupal. Era bastante comum o sistema de rodízio no beneficiamento do caranguejo, o que permite dizer que a produção econômica gerada pelos recursos disponíveis no manguezal encetava formas eficazes de reprodução social atreladas a redes de cooperação e identificação

sociais` para o cacique da aldeia Jaraguá o número de pessoas que hoje vivem da cata é muito baixo para se comparar a tempos atrás.

3.4 Início de uma nova tradição na aldeia Jaraguá

Figura 21 Evento religioso, Foto: Adriano Ferreira, 17 dezembro 2017).



Durante a pesquisa, ouvindo vários pescadores da aldeia Jaraguá nos possibilitou saber das questões de suas vivências na pesca e na comunidade. Deu para sentir o desejo de alguns pescadores, que por muitos anos frequentam a tradicional procissão dos navegantes (saindo do município de Marcação à Barra do Rio Mamanguape, Rio Tinto), de terem a sua própria procissão. Esses pescadores chegaram a dizer :´´por que não sair uma procissão daqui do porto novo para a Barra sem precisar de ir até a praia de coqueirinho município de Marcação?´´ Nesse contexto o aspecto religioso tem fundamental importância, bem como a preocupação com o porte, de suas embarcações, tendo em vista que para chegar até a praia de Coqueirinho se precisa de um barco de médio ou de grande porte pois a região dessa praia já tem muitas influências das águas do mar, que deixa o rio mais agitado.

Após várias conversas com os líderes da aldeia na presença dos pescadores e a direção de pesca do município de Rio Tinto, se chegou ao dia tão sonhado por muitos pescadores. Apesar de todas os conflitos sociais existentes na aldeia Jaraguá por questões já no presente trabalho citado, por um dia as dissensões são esquecidas, os antagonismos

históricos das lideranças são sublimados e juntos com os pescadores artesanais da aldeia, seja com pescadores filiados da associação da aldeia Jaraguá como também demais pescadores da comunidade não filiados, e o presidente da Associação dos pescadores artesanais de Rio Tinto, Carlinhos pescador, a festa religiosa é realizado. Carlinhos levou para a santa para ser colocada em uma das embarcações, emocionando o Cacique local e demais presentes no porto. Estiveram presentes alguns turistas de outras cidades e pesquisadores da UFPB e UFCG. A frota saiu às 08;30 da manhã no dia 17 de dezembro de 2017, o percurso durou cerca de 01:50(uma hora e quarenta minutos), até a barra do rio Mamanguape Onde lá ocorre a tradicional procissão dos navegantes.

CAPITULO 4- O sindicato dos pescadores do município de Rio Tinto

A colônia de pescadores da cidade Rio Tinto Z-13 Antônio de Brito (É comum que colônias coloquem em seus nomes de registros, nome de pescadores de sua localidade, não sendo diferente com a z13 onde homenagear o pescador Antônio de Brito, que foi um dos primeiros moradores do vilarejo), localizada na Barra do rio Mamanguape, foi fundada em 1998. Atualmente, a Colônia tem cerca de 400 associados de toda região do município de Rio Tinto. A colônia z13 representa a maior agremiação de pescadores do município de Rio tinto.

Figura 22 Sede da colônia z13, Foto: Wellington Lima, 2017



A colônia z13 proporciona aos associados sobre tudo com aqueles que estão em dia com suas obrigações de sócios com as mensalidades da colônia bem como Instituto Nacional do Seguro Sócia(INSS).com o seguro defeso, Pela Lei n. 10.779/2003 – Lei que regulamenta o seguro desemprego ao pescador artesanal durante o período do defeso. Como também ao direito de o pescador ter sua aposentadoria, para uma região com tamanha vulnerabilidade social isso carreta em uma segurança mínima para muitas famílias. No mês de maio do ano de 2017 a direção de pesca de Rio Tinto em uma ação chamada café da manhã com os pescadores 2017, distribuiu kits básicos para pesca para as três agremiações do município, o convite foi entregue nas mãos dos presidentes, porém o presidente da colônia z13 não

compareceu indo só na semana seguinte pegar os produtos que foram; garrafas térmicas, facas, lanternas de cabeças e coletes salva vidas. A direção de pesca esteve em um outro projeto em parceria com a secretaria de saúde do município e ICMBIO, dessa vez itinerante chamado SAÚDE DO PESCADOR, onde são realizados exames de glicemia e aferição de pressão arterial e logo em seguida é servido um café da manhã para os pescadores, esse projeto deu início na sede do projeto peixe boi marinho na Barra tendo a grande maioria dos participantes da colônia z13.

Figuras 23e 24, Projeto saúde do pescador, Foto: Wellington Lima, 2017



O presidente da colônia z13 é um dos principais organizadores juntamente com fiéis da igreja católica daquela comunidade, prefeitura do município de Rio Tinto e ICMBIO de um evento tradicional que ocorre na comunidade que é a procissão dos navegantes, Um evento que arrasta multidões vinda de várias cidades da Paraíba e de outros estados do país, estes visitantes é perceptível suas presenças sobretudo em pousadas e hospedarias da região do qual nesse período estão sempre lotadas, basta frequentar a área da barra do rio Mamanguape que com facilidade encontramos estes turistas em mais variados locais antes ao dia da procissão bem como no decorrer do evento. O evento mobiliza cerca de 11 mil pessoas⁵. Procissão marítima tem seu início no município de Marcação, na praia de coqueirinho que fica logo diante da barra do Mamanguape o evento tem o auge na barra do rio Mamanguape. Quase todos os pescadores da barra se envolvem de alguma forma nesse evento

⁵ Fonte: site PBVALE.com.br/procissão-dos-navegantes-revela-potencialidade-do-turismo-religioso-em-marcacao-e-rio-tinto. Acessado em:2017

seja, na ornamentação do andor da santa seja na organização do trajeto da procissão por terra nas ruas da barra indo até a igreja da comunidade.

4.1 Interação dos pescadores da Barra do rio Mamanguape com o meio ambiente e turismo

Existem pescadores artesanais que ao entenderem o potencial de sua região tem além da pesca outros meios de sobrevivência na região que além da comunidade da barra do rio Mamanguape tem pescadores nas outras que se interligam que vem a ser: Lagoa de praia, Praia de campinas, Praia de Oiteiro e Tanguês, Pacaré e Saco que são comunidades que se interligam na região da barra do rio Mamanguape.

Figura 25 Condutores de barcos turísticos: Foto: Wellington Lima, 2017



É o caso dos guias e condutores de barcos para passeios turísticos que fundaram em 2012 a AGEAPA (Associação de Artesãos e Guias de Ecoturismo da Região da APA da Barra do Rio Mamanguape/Rio Tinto/Paraíba.) Como também PEIXE-BOI TERRA E MAR ecoturismo, hospedagem e pousadas

O turismo sustentável na região é normatizado e pautado no plano de manejo da APA do rio Mamanguape, Tendo em vista que foi nessa região A criação do projeto nacional de proteção do peixe boi marinho, com isso a região tem um turismo forte e diferenciados sobre tudo sobre a sustentabilidade local que tem a proteção do ICMBIO. Muitos pescadores se envolvem no ecoturismo da região por serem homens e mulheres de profundos conhecimentos

do local, ou seja, Estes pescadores nativos passaram a se profissionalizarem no setor turístico, possibilitando uma renda complementar em consonância com a pesca.

Figura 26 Caiçara na barra do rio Mamanguape. Foto: (Wellington lima 20. 01.2018.)



Uma outra organização legalmente constituída na região que iremos destacar é das marisqueiras, e como o nome bem diz tendo representações específicas só com mulheres, São mulheres que, assim como os pescadores e condutores de barcos turísticos, que viram uma outra possibilidade de fonte de renda na região, e adicionaram atividades pesqueiras, As mulheres marisqueiras viram no marisco, que por sua vez é um produto abundante na barra do rio Mamanguape, uma possibilidade de complemento de suas rendas familiares. As marisqueiras são criativas, pois não só comercializam o marisco in natura como também fazem tapioca recheada com o marisco, empadas alguns artesões se utilizam das conchas do marisco para sua arte na comunidade da Barra.

As marisqueiras contam com o apoio da direção de pesca de Rio Tinto que vem divulgando os trabalhos dessas mulheres em feiras e eventos culturais da região

Figura 27 Marinalva, integrantes do grupo das marisqueiras da barra, Foto: (Wellington Lima 06.12.2017)



Em uma articulação junto ao governo municipal da cidade de Rio Tinto junto ao projeto EMPRENDER RIO TINTO, o grupo das marisqueiras contraíram um empréstimo para compras de equipamentos, quem vem a facilitar cada vez mais os seus trabalhos como: carros de mãos, tachos de cobre, frízer e fogão.

O ICMBIO tem dado o total incentivo para com as marisqueiras tendo em vista que a chefe da unidade do projeto peixe boi na barra do rio Mamanguape a bióloga Thalma Grissi, Luta para criação da associação das marisqueiras, ou seja, uma marca onde possa dar mais visibilidade as vendas dos produtos das marisqueiras.

Há pescadores da barra do rio Mamanguape que são membros da ONG Barra viva⁶. É uma fundação que tem o objetivo de compartilhar ações de desenvolvimento territorial e ideias correlacionadas à conservação ambiental e sustentabilidade, tendo como missão: Construir uma visão sustentável junto às comunidades residentes na área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape.

Na região da barra do rio Mamanguape temos uma outra entidade do qual alguns pescadores filiados à colônia z13 participam, que é Fundação Mamíferos Aquáticos (FMA) ⁷é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que, desde 1989, trabalha para conservar o meio ambiente em todos os seus aspectos tendo como foco primordial os

⁶ Fonte:(facebook.BarraVivaa) Acessado em 2017

⁷ Fonte:Https://mamiferosaquaticos.org.br/site/Acessado em: 2017

mamíferos aquáticos e seus habitats. Na Paraíba, a FMA desenvolveu o Projeto Viva o Peixe-boi Marinho (PVPBM) em 2015, na Área de Proteção Ambiental da Barra de Mamanguape (PB), por meio do Programa Petrobras Socioambiental e com apoio do Governo Federal, numa estratégia de conservação e pesquisa para evitar a extinção do peixe-boi marinho (*Trichechus manatus manatus*) na região Nordeste do Brasil. Atualmente, o PVPBM, agora como Programa Viva o Peixe-boi Marinho, está em atividade no litoral paraibano, com uma base executora na Barra de Mamanguape (PB).

4.2 mudando vidas nas comunidades

O município de Rio Tinto conta com a unidade do Instituto Chico Mendes (ICMBIO) onde possui uma *área de 14.917,79 hectares de proteção ambiental (APA) a UC(unidade de conservação), leva o nome de : Área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape. Tudo em cima do Plano de manejo.* Segundo Prates et al. (2006;106)

“ Todos os estados brasileiros possuem percentuais acima de 10% de seus manguezais protegidos. No entanto, este razoável percentual de proteção não significa, efetivamente, a sua conservação. A situação encontrada no estado da paraíba, assim como Santa Catarina, está relativamente melhor que em outros estados, uma vez que os seus manguezais são protegidos por categorias de UC mais restritivas à ocupação”

Fonte: (Secretaria de Biodiversidade e Florestas Gerência de Biodiversidade Aquática e Recursos Pesqueiros)

Figura 28 Raimundo Cardoso, Turista do Rio de Janeiro, Foto: Wellington Lima



Na comunidade da Barra está instalada a base do projeto peixe boi marinho (*Trichechus manatus*). Podemos destacar: O Decreto Federal nº 924, de 10 de setembro de 1993 com objetivo de:

(I) garantir a conservação do habitat do Peixe-Boi Marinho (II) garantir a conservação de expressivos remanescentes de manguezal, mata atlântica e dos recursos hídricos ali existentes; (III) proteger o Peixe-Boi Marinho e outras espécies, ameaçadas de extinção no âmbito regional; (IV) melhorar a qualidade de vida das populações residentes, mediante orientação e disciplina das atividades. (ICMBIO.APA DA BARRA DO RIO MAMANGUAPE) fonte:icmbio.gov.br: Acessado em: 2018.

Existe uma grande interação entre os pescadores da região da barra com as atividades promovidas pelo ICMBIO, sobretudo aquelas voltadas ao turismo sustentável, podemos constatar o quanto que os pescadores concebem a ideia da preservação da área de proteção e do peixe boi marinho. São pessoas privilegiadas de informações referente à terna tendo em vista, a gama de elementos (ONGS E FUNDAÇÃO), na região que buscam transmitir em ações, seja em palestras, oficinas ou em cursos específicos para preservação e cuidados com o turismo sustentável na região exemplo: o respeito ao peixe boi marinho, os mangues, restingas entre outros.

As APAs, no entanto, entraram na análise realizada em 2006 como áreas disponíveis para o cumprimento das

metas, podendo ser qualificadas como áreas prioritárias ou não, dependendo de sua importância biológica. As áreas prioritárias sobrepostas sobre parte ou todo o território de uma APA foram classificadas segundo seu grau de importância biológica ou a prioridade para ações de conservação. Fonte: (Secretaria de Biodiversidade e Florestas Gerência de Biodiversidade Aquática e Recursos Pesqueiros:91)

A sede do projeto peixe boi está passando por muitas dificuldades de investimentos federais ao ponto de não ter mais vigilantes já a três anos na base, entre outros problemas de infraestrutura, algumas parcerias estão sendo estabelecidas para a manutenção da sede e suas atividades seja da prefeitura municipal de Rio Tinto, a direção de pesca do município acatando um pedido da Dr.,Thalma Grissi chefe do ICMBIO, sobre a qualidade da água da base do projeto a reivindicação foi atendida e hoje tem água com qualidade tanto para consumo quanto para os banheiros da base que hoje já retornaram a receber alunos de várias escolas de todo estado bem como alunos e professores de universidade e pesquisadores,(existem uma planilha dos atrativos e atividades na região e na base do projeto peixe boi, segue em anexo.). Trata-se de uma unidade bastante atuante mesmo com as dificuldades se mantém forte e coesa com a comunidade.

Durante a elaboração da referida pesquisa na região da barra estivemos envolvidos com dezenas de pescadores tanto da colônia z13 como outros não associados, assim como com todas as marisqueiras dos quais a Dona Nalva, veio a ser a que mais obtivemos contatos por alguns aspectos: Dona Marinalva é funcionária da base do peixe boi marinho onde trabalha diretamente com a chefe do ICMBIO, a Dr. Thalma Grissi. E, como tínhamos a base como um suporte por estar ao lado do porto dos pescadores a Dona Marinalva contribuiu bastante com suas informações além de ser um símbolo de luta uma do grupo das marisqueiras. Um outro pescador que também é funcionário junto com Dona Marinalva do ICMBIO, é Seu Biruca, este pescador me confessou que antigamente, antes da chegada do projeto matou muitos peixes bois na região, e tem esse remorso e que já a 20 anos trabalhando na proteção do peixe boi. É o trabalho da conscientização que foi implantado na região fazendo a grande diferença.

Considerações finais:

Os pescadores artesanais do município de Rio Tinto, vem a gerações realizando suas atividades no Rio Mamanguape. O rio proporciona inúmeras oportunidades para essa prática de subsistência, outras vertentes, do quais tivemos a preocupação de relatar as experiências, conhecimentos e suas organizações, tendo foco os pescadores de três regiões do município de Rio Tinto, Barra do rio Mamanguape, Aldeia Jaraguá e do centro da cidade.

As organizações de pesca existentes no município de Rio Tinto são de fundamental importância, tendo em vista que é raríssimo ter pescadores artesanais em outras atividades no rio Mamanguape que não esteja filiado em alguma agremiação de pesca. Muitos pescadores adquirem papéis paralelos à pesca artesanal, adentrando no viés turístico e de proteção ao peixe boi marinho.

Com a convivência, seja nas rodas de conversas ou navegando o rio, visualizando um pouco de suas práticas de pesca artesanais, pude perceber a importância da relação destes pescadores com o rio Mamanguape. Os conhecimentos das suas tradições, mesmos com as modificações que são inevitáveis ao longo do tempo estão sempre constituindo uma cultura distinta dentro de um cotidiano muito peculiar, incluindo as comunidades às quais os pescadores artesanais do município de Rio tinto estão inseridos.

Um outro aspecto de grande relevância que pode vir a ser um fator para o fortalecimento dos personagens que retiram seus sustentos no rio Mamanguape, seria a criação de associações semelhantes à dos pescadores artesanais, em como dos Caranguejeiros, Marisqueiras e Catadores de ostras, que conhecemos no decorrer desta pesquisa.

REFERENCIAS:

ARAÚJO, Marianna de Queiroz de, **Família Lundgren e a fundação da cidade de Rio Tinto: Do medo ao acirramento dos conflitos fundiários** Revista de Antropologia e Sociologia, v.1, n.3, p. 124-135, novembro de 2017.

BARRAVIVA, Disponível em <https://www.facebook.com/pg/BarraVivaa/about/?ref=page_internal> Acessado: 2017.

BRASIL, DECRETO nº 23.134/33, 1930

_____. Secretaria especial de aquicultura e pesca .2016).

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar.** São Paulo: Ática, 1983.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Mapa do Plano de Manejo.** Disponível em < www.icmbio.gov.br > Acesso em: 2018

LIMA, Roberto Kant de. **Pescadores de Itaipu.** Niterói, Eduff, 1997.

MAMIFEROSAQUATICOS, Disponível em: <<https://mamiferosaquaticos.org.br/site>> ACESSO:2017

MORAES, Sérgio Cardoso de. **Colônias de pescadores e a luta pela cidadania.** 2009. Campus de Bragança Mestrando em Educação na UFRN

PBVALE. **Procissão dos navegantes** Disponível <[http:// pbvale.com.br/paraiba/procissao-dos-navegantes-revela-potencialidade-do-turismo-religioso-em-marcao-e-rio-tinto](http://pbvale.com.br/paraiba/procissao-dos-navegantes-revela-potencialidade-do-turismo-religioso-em-marcao-e-rio-tinto)>. Acesso em; 2017

SILVA, Rubens Elias da, **Racionalização e transformação sociocultural em comunidades pesqueiras no Nordeste do Brasil,** Instituto de Ciências da Sociedade / UFOPA. 2006.

VALE, *Eltern Campina* **O Processo de Constituição da Cidade-fábrica Rio Tinto - Parahyba do Norte (1917-1924)** Revista Crítica Histórica Ano III, Nº 5, Julho/2012

Disponível em: <http://www.cnpa.org.br>, acessado

BRASIL. Ministério da pesca e aquicultura

PARAÍBA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e Pesca da Paraíba

A ARTE DE FAZER-SE PESCADOR ARTESANAL* Autor: Cristiano W. Noberto Ramalho (Doutorando em Ciências Sociais, UNICAMP)

Secretaria de Biodiversidade e Florestas Gerência de Biodiversidade Aquática e Recursos Pesqueiros

<http://www.imagensdobrasil.art.br>, Acessado: 2018

<http://www.tabonfils.com>. Acessado em : 2018

<http://www.tarrafapesca.com.br> Acessado em: 2018

ANEXOS

ANEXOS ANEXO I



MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA
SUPERINTENDÊNCIA FEDERAL DA PARAÍBA
 Rua Presidente João Pessoa, s/n - Centro / Cep. 58.310-970 / CABEDELÓ- PB
Fone: (83) 3228-3452

COLÔNIAS DE PESCADORES E AQUICULTORES DO ESTADO DA PARAÍBA

<p>Z - 01 "OSCAR GONÇALVES" RUA NOSSA SENHORA DA PENHA, S/N BAÍA DA TRAIÇÃO/PB CEP 58.295-000 CNPJ. 08.894.883/0001-32 – FUNDADA EM 01.08.1921 FONE: (83)3296 – 1116 / 8795-2591 PRESIDENTE: WELLINGTON RODRIGUES MENDONÇA</p>	<p>Z - 02 "EPITÁCIO PESSOA" RUA CORONEL AURELIANO, S/N PONTA DE MATO CABEDELÓ/PB CEP 58.310-000 CNPJ: 08.993.545/0001-58 FONE: (83)3228-4592 / PRESIDENTE: LÍDIO JOSÉ DA SILVA E-MAIL: COLONIA.Z2@HOTMAIL.COM</p>
<p>Z - 03 "ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS" RUA CARLOS ALVERGA, 69 – TAMBAÚ. JOÃO PESSOA/PB CEP 58.038-020 CNPJ. 70.118.930/0001-20 – FUNDADA EM 24.02.1924 FONE: (83)3247 - 6105 / 9609-1115 / 8823-6509 – NADJA (SECRETARIA). PRESIDENTE: JOHN EARLY E-MAIL: JOHNEARLY@IG.COM.BR NADJA.CLAU@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z - 04 "HENRIQUE DIAS" RUA SIMÕES BARBOSA, 143 - GUARITA. PITIMBU/PB CEP: 58.324-000 CNPJ. 08.299.620/0001-85 FONE: (83) 3299-1288 / 91438100 (Cristina) PRESIDENTE: ANTÔNIO SOARES DA SILVA</p>
<p>Z - 05 "BENJAMIN CONSTANT" RUA AMÉRICO FALCÃO, 412 CENTRO. LUCENA/PB CEP: 58.315-000 CNPJ. 70.119.110/0001-52 FONE: (83) 3293 1096/ 8838-6516/ 8889-7656 DENISE SECRETARIA. PRESIDENTE. SEVERINO AMÂNCIO BARBOSA E-MAIL: COLONIAZ05@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z - 06 "ARNALDO LUZ" AVENIDA LIBERDADE, 3111 - CENTRO. BAYEUX/PB CEP: 58.305-000 CNPJ. 08.366.403/0001-03 FONE: 8708-6347 / 8822-3662 (JOSÉ – SECRETARIO) PRESIDENTE: ANTÔNIO SOARES DE LIMA</p>
<p>Z - 07 "SATURNINO BATISTA DE SOUSA" RUA LOCUTOR VALDEREDO ROMÃO DE OLIVEIRA S/N. CABO BRANCO. COREMAS/PB CEP: 58.770-000 CNPJ. 04.265.143/0001-86 FONE: (83) 3433-1467 / 9981-1882 / 9630-1583 PRESIDENTE: JANDERLEY BATISTA DE SOUSA E-MAIL: COLONIAZ7.COREMASPB@HOTMAIL.COM JANDERLEY.BATISTA@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z - 08 "ANASTÁCIO MAIA" R. FÉLIX ARAÚJO, 65. CENTRO BOQUEIRÃO/PB CEP: 58.450-000 CNPJ. 08.366.403/0001-75 FONE: (83)3391-1250/1264 / 9952-4605 PRESIDENTE: MAURA ARAÚJO DE ANDRADE E-MAIL: COLONIAZ8PB@HOTMAIL.COM</p>

<p>Z - 09 "JOÃO ALVES DOS SANTOS" RUA JOÃO ALVES DOS SANTOS, S/N. JACUMÁ/PB CEP: 58.322-000 CNPJ. 41.221.318/0001-80 FONE: (83)3290-1370 / 8817-6419 PRESIDENTE: ARIONALDO DE SOUZA. E-MAIL: ARIONALDO38@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z - 10 "MANUEL AUGUSTO DE LIMA " RUA DO RIO, S/N - ACAÚ. PITIMBU/PB CEP: 58.324-000 CNPJ. 00.737.158/0001-49 FONE: (83) 3259-1314 / 9309-6296. PRESIDENTE: JOSÉ CUSTÓDIO EVANGELISTA E-MAIL: COLONIADEPESCADORESZ10@HOTMAIL.COM</p>
<p>Z - 11 "ANTONIO ELIAS PESSOA" RUA PROFESSOR ANTÔNIO ELIAS S/N, FORTE VELHO. SANTA RITA/PB CEP: 58.300-000 CNPJ. 01.143.872/0001-71 FONE: (83)3664-1024 / 8807-3907 / 8859-4420 (JUCINEI) PRESIDENTE: ANTÔNIO ELIAS PESSOA FILHO E-MAIL: PESSOINHAZ11@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z-12 "EDUARDO FRANCISCO DA SILVA" RUA ANTÔNIO CÉSAR, 308 - CENTRO. CAAPORÁ/PB CEP: 58.326-000 CNPJ. 024186870001-05 FONE: (83)9967-0462 / 9306-0485 PRESIDENTE: ISAAC PENAFORTE COUTINHO E-MAIL: COLONIADEPESCAZ12@GMAIL.COM</p>
<p>Z - 13 "ANTONIO DE BRITO" RUA SANTO AGOSTINHO BARRA DE MAMANGUAPE RIO TINTO/PB CEP: 58.297-000 CNPJ. 02.832.733/0001-18 FONE: (83)3228-1303 / 9108 – 1594 / 9137-6051 MARIA JOSÉ (FILHA) PRESIDENTE: CARLOS LOURENÇO DA SILVA</p>	<p>Z - 14 "ANTONIO IZIDÓRIO DA SILVA" RUA DE TRÁS, S/N - TRAMATÁIA. MARCAÇÃO/PB CEP: 58.294-000 CNPJ. 02.828.203/0001-04 FONE: (83)3625-9546 - 8833-3642 – 8830-1101 PRESIDENTE: JOSÉ FIGUEIREDO DA SILVA</p>
<p>Z - 15 "ANTONIO MARTINS CASADO" RUA SIMEÃO LEAL, 04 - LIMEIRA. PICUÍ/PB CEP: 58.187-000 CNPJ: 03.455.257/0001-26 FONE: (83)3371-2095 / 9900-0975/ 9134-1072 COLÔNIA / 9174-0306 AMANDA PRESIDENTE: JOSÉ LUCIANO DE FARIAS E-MAIL: COLONIAZ15@HOTMAIL.COM JOSELF@GMAIL.COM</p>	<p>Z - 16 "VICENTE PRUDÊNCIO DOS SANTOS" DISTRITO ENGENHEIRO ÁVIDOS, S/N, CENTRO. CAJAZEIRAS/PB CEP: 58.900-000 CNPJ: 03.656.755/0001-37 FONE: (83) 3532-0073/ 9332-9423 / 3532-0042 /9610-7008 FAX 3532-0040 / 9610-7008 PRESIDENTE: RAIMUNDO ROLIM SILVA E-MAIL: COLONIAZ16VPS@YAHOO.COM.BR</p>
<p>Z - 17 "WALFREDO MADEIRO DA COSTA" RUA DA MAÇARANDUBA, S/N - BARRA DE CAMARATUBA MATARACA/PB CEP 58.292-000 CNPJ: 03.887.845/0001-39 FONE: (83)3297-7005 PRESIDENTE: ANTÔNIO JOSÉ MIGUEL DA SILVA – TORO</p>	<p>Z – 18 "PEDRO VIDAL DE NEGREIROS" AÇUDE CARNEIRO, SÍTIO RECANTO II – ZONA RURAL. JERICÓ/PB CEP 58.830-000 CNPJ:: 04.840.563/0001-49 FONE: (83) 3435-1104/ 9963-5931 / 9948-7853 / 9665-5669 PRESIDENTE: NICÁCIO VIDAL DE NEGREIROS</p>
<p>Z - 19 COLÔNIA DE PESCADORES DE COSTINHA RUA DESPORTISTA JOÃO ARAÚJO DANTAS, S/N. COSTINHA. LUCENA/PB CEP 58.315-000 FONE (83) 9979 - 8729 CNPJ: 04.049.357/0001-15 FONE: (83) 8112-7186/9979-8729 PRESIDENTE: ZÉLIO DA S. NASCIMENTO. E-MAIL: COLONIAZ19@YAHOO.COM.BR</p>	<p>Z – 20 COLONIA DE PESCADORES DE PEDRO VELHO RUA PROJETADA, S/N, NOVO PEDRO VELHO, AROEIRAS/ PB CEP: 58.489-000 CNPJ: 05.993.667/0001-56 FONE: (83) 3396-3044 / 9925-8197/8114-3077 PRESIDENTE: SEVERINO ALVES DA SILVA JUNIOR E-MAIL: NOVO2008@HOTMAIL.COM</p>
<p>Z – 21 COLONIA DE PESCADORES DE JUAZEIRINHO. RUA JOÃO VITAL GUEDES, S/N – CENTRO. JUAZEIRINHO /PB CEP: 58.660-000 CNPJ: 05.559.155/0001-86 FONE: (83) 9925-5356 / 9947-4170 / 8854-5689 / 3382-1617 / 9120-1764 / 9165-3751 NINHA PRESIDENTE: EMANUELLY CORREA DOS SANTOS E-MAIL: EMANUELLY.SANTOS@HOTMAIL.COM ELIZANGELAROMA@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z – 22 -COLÔNIA DE PESCADORES DE - MANOEL MIGUEL DOS ANJOS - SAPÉ RUA: NAPOLEÃO LAUREANO, 307 - CENTRO - SAPÉ. CEP: 58.340-000 CNPJ: 06.955.125/0001-51 FONE: (83) 9616-3718 / 9173-1155 / 9951-0571 / 9173-1143 PRESIDENTE: JUSCELINO MIGUEL DOS ANJOS E-MAIL: ANJOSMIGUEL@HOTMAIL.COM</p>

<p>Z – 23- COLÔNIA DE PESC. MANOEL DA PENHA PRAÇA DA COOPERATIVA, S/N. SÃO GONÇALO. SOUSA / PB CEP: 58.814-000 CNPJ: 05.768.283/0001-30 FONE: (83) 3556-1173/ 8164-9566 / 8104-2229 / 8164-9566 PRESIDENTE: JERÔNIMO ARLINDO DA SILVA E-MAIL: Z23JUNIOR_SG@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z – 24 -COLÔNIA DE PESC. ESMERINDO NIEIRA DE MELO. RUA CENTRAL, S/N PIRANHAS VELHAS – SÃO JOSÉ DE PIRANHAS. CEP: 58.940-000 CNPJ: 06.013.961/0001-17 FONE: 9317-9689 / 9177-5007 PRESIDENTE: ANTÔNIO LEITE DE ARAÚJO (TONHÃO) E-MAIL: ANTONIOLEITE53@YAHOO.COM.BR</p>
<p>Z – 25-COLÔNIA DE PESC. PAULINO PEREIRA DE ARAÚJO. RUA DUQUE DE CAXIAS, 350 - CENTRO - CAMALAUÍ. CEP: 58.530-000 CNPJ: 06.289.933/0001-27 FONE: (83) 3302-1054 / 3302-1002 / 9988-9466 PRESIDENTE: JOSÉ DE DEUS BARBOSA – DEUZINHO E-MAIL: COLONIADEPESCADORESZ25@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z – 26 -COLÔNIA DE PESC. ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA. RUA JOSÉ AUGUSTO DE ANDRADE, S/N – CENTRO. ITATUBA/PB CEP: 58.378-000. CNPJ: 06.977.214/0001-07 FONE: (83) 8887-7174 / 8614-5759 PRESIDENTE: JOSILENE MARTINS DE LIMA SILVA</p>
<p>Z – 27- COLÔNIA DE PESC. ANTÔNIO INÁCIO DE LIMA RUA MANOEL FERNANDES DE LIMA, S/N - SÃO JOSÉ - SOLEDADE. CEP: 58.155-000 CNPJ: 06.798.424/0001-20 FONE: (83) 9809-6083 / 9982-0366 PRESIDENTE: FRANCISCO DE SOUTO LIMA E-MAIL: COLONIAAINACIODELIMAZ27@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z - 28 - COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES - JOÃO ELIZIO DA ROCHA. SÍTIO CACIMBA DA VÁRZEA -ZONA RURAL - CEP: 58.225-000 MUNICÍPIO DE SOLANEA. CNPJ: 06.886.513/0001-28 PRESIDENTE: PEDRO FERNANDES SANTANA ENDEREÇO PARA ENVIO DE CORRESPONDÊNCIA: RUA JOSEFA CRISPIM, 50 - CENTRO - CEP: 58.225-000 - SOLANEA - PB. FONE: (83) 8102-9931 / 8123-0894 ANDRÉA (SECRETARIA). 8143-4749 (LAURO – RECADO).</p>
<p>Z - 29 COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES - LUIZ FERREIRA - DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ. RUA MIGUEL BATISTA DOS SANTOS, S/N, MIGUEL BATISTA. BELÉM DO BREJO DO CRUZ - PB - CEP: 58.895-000 CNPJ: 06.965.200/0001-65 PRESIDENTE: JOSENILDO FIGUEIREDO FERNANDES. FONE: (83) 3447-1156 / 9929-8141 / 9620-5555 E-MAIL: PETINHAVEREADOR@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z - 30 - COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES - JOSÉ MERENCIO SOBRINHO - CABACEIRAS / PB RUA EPITÁCIO PESSOA, Nº 50 - CENTRO - CABACEIRAS. CEP: 58.480-000 CNPJ: 07.660.910/0001-40 PRESIDENTE: MARINILSA DA SILVA ALVES DUARTE FONE: (83) 8888-5820 / 3356-1310 / 8633-2790 (MIÚDA). E-MAIL:</p>
<p>Z - 31 - COLÔNIA DE PESCADORES DE PIANCÓ SÍTIO PEIXOTO, S/N - ZONA RURAL - PIANCÓ - PB. CEP: 58.765-000 CNPJ: 07.789.404/0001-55 PRESIDENTE: LOURIVAL AGOSTINHO FLORÊNCIO FONE: (83) 9132-8715 / 3452-1258</p>	<p>Z - 32 - COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES - FRANCISCO EVANGELISTA SÍTIO LAGINHA, S/N - ZONA RURAL - CONGO. CONGO - PB - CEP: 58.535-000 CNPJ: 07.683.799/0001-07 PRESIDENTE: MARINEIDE FERREIRA (BEGA) FONE: (83) 9944-8988 / 9961-0981 E-MAIL: COLONIA.Z32@HOTMAIL.COM</p>

<p>Z - 33 - COLÔNIA DE PESCADORES - EMANOEL SOARES VELOSO. SITIO SÃO FELIX, S/N - ZONA RURAL - BOM JESUS. BOM JESUS - PB - CEP: 58.930-00 CNPJ: 07.707.756/0001-14 PRESIDENTE: CLEIDEVAN PEREIRA DOS SANTOS. FONE: (83) 9145-3003</p>	<p>Z - 34 - COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES DO VALE DO SABUGÍ SANTA LUZIA. RUA: CORONEL FRANCISCO ANTÔNIO, Nº. 86 - CENTRO – CEP: 58.600-000 – SANTA LUZIA – PB. CNPJ: 07.957.685/0001-08 PRESIDENTE: JUCILÂNDIA FERNANDES PEREIRA FONE: (83) 3461-2075/ 9144-0099. E-MAIL: JUCILANDIAFERNANDES@GMAIL.COM BLOG: WWW.COLONIA.Z34.ZIP.NET</p>
<p>Z – 35 – COLÔNIA DE PESCADORES “FRANCISCO VIEIRA FORMIGA - SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE”. POVOADO DE PILÕES – ZONA RURAL – CEP: 58.910-000 SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE. CNPJ: 08.119.878/0001-52 PRESIDENTE: JOSÉ JOÃO DA SILVA – BENGÓ – 3534-2469 / 9942-4270 / 9672-5592 A/C DE ROSA MARIA ABRANTES DA SILVA. E-MAIL: BENGOSILVA@GMAIL.COM</p>	<p>Z – 36 - COLÔNIA DE PESCADORES – “VICTOR LUCIANO DA SILVA”. RUA MANOEL MARIANO, CENTRO – CEP: 58.915-000. UIRAUNA – PB. PRESIDENTE: ANTÔNIO MOUSINHO FERNANDES NETO. FONE: (83) 3534-2468 / 9162-8307 / 9648-3180 E-MAIL: MOUNETO@BOL.COM.BR</p>
<p>Z-37 COLÔNIA DE PESCADORES DE SERRA BRANCA, COLPESC. CNPJ: 09.525.295/0001-94 RUA GENIVALDO DO QUEIROZ TORREÃO, 165 – CENTRO-SERRA BRANCA – PB – CEP: 58.580-000 PRESIDENTE: JOSÉ LEONALDO LIMA DE FARIAS FONE: (83) 3354-2036 / 3310-1591 / 9167 – 9947 / 9900-0920 / 9648-2455</p>	<p>Z – 38 COLÔNIA DE PESCADORES “AGENOR MENDES PEDROSA” CNPJ: 09.558.692/0001-92 RUA: SEVERINO AMÂNCIO, S/N CENTRO AGUIAR. AGUIAR – PB – CEP: 58.778-000 PRESIDENTE: SEBASTIÃO SALVIANO DA SILVA FONE: (83) 9169-9012/9637-4177 E-MAIL: PESCADORESCOLONIA@YAHOO.COM.BR</p>
<p>Z-39 COLÔNIA DOS PESCADORES E AQUICULTORES “PADRE IBIAPINA” RUA: GAMA ROSA, S/N – CONJUNTO MARGARIDA MENDES. ARARA/PB CEP: 58.396-000 FONE: (83) 9166-0917 / 3363-2379 / 8841-3812 / 8118-8944 PRESIDENTE: MARIA APARECIDA DOS SANTOS SILVA E-MAIL: CIDA.MD@HOTMAIL.COM E-MAIL: COLONIAPAZ39@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z – 40 - COLÔNIA DE PESCA E AQUICULTURA JOSÉ ALVES DE AQUINO – PATOS RUA: SÃO VICENTE Q 1 L 16, CONJUNTO NOVA CONQUISTA. CEP: 58.700-970 PATOS CNPJ: 04.735.479/0001-65 FONE: (83) 8854-9319 / 3423-9793 PRESIDENTE: IVANILDA DE SOUSA SANTOS E-MAIL: IVANILDA.SOUSA@YAHOO.COM.BR</p>
<p>Z – 41 – COLPAM - COLÔNIA DE PESCADORES ARTESANAIS DE MARIZÓPOLIS. RUA GORGONHO JOSÉ DE BRITO, 15 – QUEIMADA. MARIZÓPOLIS – CEP: 58.819-000. PRESIDENTE: JOSÉ GERALDO GOMES. FONE/FAX: (83) 3544-1160/ 8111-6712/ 9186-4979 / 8134-0766 E-MAIL: JOHNCOLPAM@YAHOO.COM.BR</p>	<p>Z – 42 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES Z – 42 ADAUTO PEREIRA DA SILVA. CNPJ: 11.252.537/0001-65 RUA: PROJETADA, S/N – CENTRO. CAJAZEIRINHAS/PB CEP: 58.855-000 PRESIDENTE: ARILDO BATISTA FERREIRA FONE: (83) 9944-0677 / 9983-1825 / 8169-7241 E-MAIL: ARILDOBATISTA2009@HOTMAIL.COM</p>
<p>Z – 43 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES Z – 43 JOSÉ ALVES RUA PROJETADA, S/N – CENTRO – IGARACY/PB. CEP 58.775-000 CNPJ 11.272.442/0001-03 PRESIDENTE: DEILTON MONTEIRO DA SILVA. FONE: (83) 9957-4593 E-MAIL: DEILTON.MONTEIRO@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z – 44 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES JOÃO FELICIANO DA SILVA. RUA PRESIDENTE JOÃO PESSOA, Nº. 37 – CENTRO. MOGEIRO/PB CEP: 58.375-000 CNPJ: 11.808.832/0001-55 PRESIDENTE: ADILSON TEOTÔNIO BISPO FONE: (83) 9979-9954 / 8160-9689 E-MAIL: COLONIAPESCADORESZ44@GMAIL.COM</p>

<p>Z – 45 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES DE SANTA HELENA “ANA BRAGA” SÍTIO BOM LUGAR – ZONA RURAL SANTA HELENA /PB CEP 58.925-000 CNPJ: PRESIDENTE: JORGE CARLOS DE AZEVEDO FONE: (83) 9971-9457 (JORGE CARLOS) E-MAIL: JORGEAZEVEDO60@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z – 46 Colonia De Pescadores E Aquicultura Z 46 Colonia De Pescadores E Aquiculturas Z - 46 Manoel Ananias CNPJ: 19.322.496/0001-48 19322496000148 Endereço R Joaquim De Souza,, 15 Monte Horebe - PB 58950-000 Telefones • (83)8726-7640</p>
<p>Z – 47 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES FRANCISCO BENVINDA DE MELO. ENDEREÇO: SÍTIO CAMPOS, S/N, - ZONA RURAL. CARAÚBAS/PB CEP: 58.595-000 CNPJ: 11.412.176/0001-77 PRESIDENTE: CARLOS EDUARDO DE LIRA FONE: (83) 8121-7038 / 3307-1109/ 9636-0357/ 8843-5271</p>	<p>Z – 48 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES JOÃO LUCIO DE SOUZA DE SANTANA DOS GARROTES E NOVA OLINDA. ENDEREÇO: SÍTIO QUEIMADAS – ZONA RURAL – SANTANA DOS GARROTES/PB CEP: 58.795-000 CNPJ: 12.051.501/0001-86 PRESIDENTE: MANOEL PAULO DOS SANTOS FONE: (83) 9619-3218 / 9609-2282 / 3485-1015 - 9980-2881 (GENIVAL- SECRETARIO DA COLÔNIA).</p>
<p>Z-49 COLÔNIA DE PESCADORES DO MUNICÍPIO DE ITAPOROROCA. RUA: FREI DAMIÃO DE BOZANO, 22 A 1º ANDAR – CENTRO. ITAPOROROCA/PB CEP: 58.275-000 CNPJ: 11.971.336/0001-18 PRESIDENTE: SEVERINO FRANÇA DA SILVA FONE: (83) 8704-8355 / 9114-6302</p>	<p>Z-50 COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES FERNANDO AUGUSTO DANTAS DA COSTA. RUA FRANCISCO MENDES, 29 – CENTRO. SÃO JOSÉ DA LAGOA TAPADA/PB CEP: 58.815-000 CNPJ: 11.850.868/0001-05 PRESIDENTE: JOSÉ ROBERTO DE SOUSA FONE: (83) 8104-6936 / 8161-2479</p>
<p>Z - 51 COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES LENDINILSON BEZERRA DA SILVA – CONDADO RUA: PADRE AMÂNCIO LEITE, 26 – CENTRO. CONDADO/PB CEP: 58.714-000 CNPJ: 12.039.325/0001-67 PRESIDENTE: ADRIANO SILVA ALMEIDA FONE: (83) 8153-8724 / 9651-8472</p>	<p>Z – 52 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES – DR. JOÃO BOSCO – SÃO FRANCISCO RUA : FRANCISCO ANTÔNIO DA SILVEIRA, S/N – CENTRO SÃO FRANCISCO/PB CEP: 58.818-000 CNPJ: 12.422.925/0001-00 PRESIDENTE: JUDIVAN BATISTA DA SILVA FONE: (83) 8103-9071 E-MAIL: JU..DIVAN@HOTMAIL.COM</p>
<p>Z – 53 LUIZ BEZERRA DOS SANTOS - RIACHO DOS CAVALOS RUA: JOÃO SUASSUNA, S/N – JOSÉ AMÉRICO. RIACHO DOS CAVALOS/PB CEP: 58.870-000 CNPJ: 12.498.270/0001-53 PRESIDENTE: ALVAMAR SOARES DA SILVA FONE: (83) 9606-8656</p>	<p>Z – 54 - COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES DE IBIARA – DOMINGOS NUNES RAMALHO. RUA: OLÍMPIO PESSOA DE ARRUDA, 44 – CENTRO. IBIARA/PB CEP: 58.980-000 PRESIDENTE: JOSÉ VALTER QUINTINO DE MAGALHÃES FONE: (83) 8640-7442 / 9982-1356 / 9642-1410</p>
<p>Z – 55 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES Z – 55 “GERALDO VALE” RUA PROJETADA, S/N – CENTRO. EMAS/PB CEP: 58.763-000 CNPJ: 13.885.244/0001-40 CORRESPONDÊNCIA: RUA FRANCISCO SEVERINO DE SOUSA, Nº184 – CABO BRANCO – COREMAS/PB PRESIDENTE: JOÃO HERCULANO DE ARAÚJO FONE: (83) 9612-2055 / 9971-8174 E-MAIL: ROSEMARY.JR2012@HOTMAIL.COM</p>	<p>Z – 56 – COLÔNIAS DOS PESCADORES E AQUICULTORES – “SEBASTIÃO NOVO CAVALCANTE” RUA JOSÉ RODRIGUES DE AQUINO, 57 – CENTRO. TEIXEIRA/PB. CEP: 58.735-000 CNPJ: 14.316.047/0001-73 PRESIDENTE: FRANCISCO DE MOURA FREITAS. FONE: (83) 9851-1198 / 9188-9159</p>

<p>Z – 57 –COLÔNIA DOS PESCADORES ARTESANAIS DE NAZAREZINHO. ENDEREÇO: SÍTIO QUEIMADAS – ZONA RURAL. NAZAREZINHO-PB CEP: 58.817-000 CNPJ: 15.227.543/0001-13 PRESIDENTE: ANTÔNIO APRÍGIO NETO FONE: (83) 8107-1788</p>	<p>Z – 58 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES DE SANTA INÊS – EUCLIDES GENESIO PEREIRA. RUA: JOSÉ MARINHO, S/N – CENTRO. SANTA INÊS/PB CEP: 58.978-000 CNPJ: 15.763.507/0001-74 PRESIDENTE: FRANCISCO RONALDO DE CARVALHO. FONE: (83) 8628-7576 E-MAIL: RONALDO.CARVALHO@HOTMAIL.COM</p>
<p>Z - 59 Colonia de Pescadores e Aquicultores Z-59 Jose Moura Dos Santos (Colonia de Pescadores Jose Moura Dos Santos) Informações públicas do CNPJ "Colonia De Pescadores E Aquicultores Z-59 Jose Moura Dos Santos" de Pombal, PB. Dados do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica do Brasil Número de inscrição do CNPJ 19.042.684/0001-12</p>	<p>Z – 60 Colonia De Pescadores Olivia Madruga Colonia De Pescadores E Aquicultores Olivia De Melo Madruga - Z60 CNPJ e Endereços</p> <ul style="list-style-type: none"> • CNPJ: 19.438.313/0001-54 19438313000154 R Jose Joaquim De Melo, 48 Cuitegi - PB, CEP: 58208-000
<p>Z – 61 – COLÔNIA DE PESCADORES E AQUICULTORES “PEDRO LISBOA BASTOS RUA: BARÃO DO RIO BRANCO, Nº177 – CENTRO. MAMANGUAPE-PB CEP: 58.280-000 CNPJ: 17.427.280/0001-11 PRESIDENTE: LUIZ CARLOS BASTOS DE ARAÚJO FONE: (83) 8853-1369 E-MAIL: CARLINHOSPESCADORRT@GLOBOMAIL.COM</p>	